

## O HOMEM QUE SABIA PERDOAR (São Josemaria Escrivá)

Francisco Faus

### INTRODUÇÃO

Um homem havia perdido vários parentes, assassinados durante a Guerra Civil espanhola por milícias do grupo republicano. Estava desconsolidado, e queria erguer no local do assassinato – um cruzamento de estradas – uma grande cruz, como memória do crime ali cometido. Entendia-o como um ato de justiça: não deixar cair no esquecimento a barbárie promovida contra os seus familiares.

Com essa idéia em mente, foi conversar com um padre. Ao comentar-lhe o seu projeto, ouviu do sacerdote um conselho que o desconcertou: «Não deve fazê-lo, porque o que o move a agir assim é o ódio: não será uma Cruz de Cristo, mas a cruz do diabo». A cruz não foi colocada, e aquela pessoa soube perdoar<sup>1</sup>.

Perdoar é uma das ações humanas mais difíceis. A injustiça provoca uma reação intensa, e muitas vezes parece que perdoar seria um equívoco, como se fosse uma aprovação da agressão, uma aceitação covarde do mal sofrido.

É difícil também porque o perdão não é indiferença, frieza ou insensibilidade perante o mal: implica sofrer, sentir a pena, e *depois* perdoar, desculpar de coração o outro. Talvez por isso se diga que perdoar às vezes está acima das forças humanas.

É o drama humano. Viver sem perdoar é tremendo, gera não raras vezes diversas doenças psíquicas, mas... como perdoar sempre? Como viver bem com o passado? Como assimilar as experiências pessoais negativas? Não há respostas prontas para essas perguntas. Não existe caminho fácil, ou melhor, o caminho sempre precisa ser aberto por cada um. Cada pessoa deve encontrar as suas respostas, o seu itinerário.

Este livro narra algumas histórias relacionadas ao perdão na vida do sacerdote acima mencionado, que desestimulou àquele homem a erguer «a cruz do ódio» na estrada. Era o padre Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei, que viria a ser canonizado em 2002 pelo Papa João Paulo II. Um santo de hoje que, ao longo da vida, fora aprendendo o caminho do perdão junto dAquele que, pregado numa cruz, pedia: *Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem*<sup>2</sup>.

Os episódios aqui descritos baseiam-se em recentes pesquisas bibliográficas e estão agrupados cronologicamente em três períodos: antes, durante e depois da Guerra Civil espanhola. Este foi provavelmente o fato histórico mais importante do século XX na vida civil e política espanhola, e é considerado por muitos historiadores como uma antecipação do que viria a ocorrer na 2ª Guerra Mundial.

## **PRIMEIRA PARTE: PERDÃO EM CLIMA DE ÓDIO**

### **JOVEM E POBRE ESTUDANTE**

Quando, sobretudo a partir de 1931, nuvens de ódio e violência, cada vez mais densas, anunciavam como inevitável a catástrofe da guerra civil espanhola, Josemaria Escrivá era um jovem padre de vinte e nove anos.

Fora ordenado sacerdote aos vinte e três, em março de 1925, em Saragoça (Espanha), e, desde abril de 1927 residia em Madrid, aonde se transferira, com a mãe viúva, Dona Dolores, e os dois irmãos, Carmen e Santiago, para fazer ali o doutorado em direito. Dedicava-se, ao mesmo tempo, a um intenso trabalho em serviço dos mais pobres e abandonados da periferia e dos doentes incuráveis dos hospitais públicos. Também dava aulas de direito romano e canônico na Academia Cicuéndez, que lhe proporcionavam o magro ordenado com que tentava sustentar a família toda, que – após a falência econômica e a morte do pai – passava apertos e, não raramente, verdadeira necessidade.

Naquele Madrid, já social e politicamente turbulento, esse sacerdote tinha visto, no dia dois de outubro de 1928, qual devia ser a sua missão na terra: abrir, no meio do mundo, um «caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão». Esse caminho, que se chamaria depois Opus Dei, propunha um ideal novo, revolucionário na época, pois afirmava que a santidade podia ser alcançada por qualquer cristão na vida diária, sem necessidade de abandonar a profissão, a família, as relações sociais próprias do homem comum.

E qual era o ambiente em que esse jovem padre começou a mexer-se, a trabalhar para tornar realidade esse ideal? Era um ambiente que propiciava tudo menos a conciliação e o perdão. Por isso, para compreender melhor como foi esse “homem que sabia perdoar”, parece necessário apresentar um mínimo de dados, que facilitem uma visão panorâmica do clima de ódio, intransigência e violência que caracterizou a Espanha nos anos prévios à guerra civil e nos três anos do conflito armado.

### **NUVENS CADA VEZ MAIS CARREGADAS**

Duas frases de alta tensão podem dar uma idéia do clima de Madrid daqueles anos anteriores à guerra civil e, em geral, de toda a Espanha da preguerra.

Nos círculos do partido ultradireitista Falange Espanhola, de inspiração fascista, adaptação ibérica das idéias de Mussolini e Hitler, crescia cada vez mais a convicção de que não havia outro diálogo possível com a esquerda radical – socialistas, anarquistas, comunistas, unidos por alianças ao governo da República – a não ser «a dialética dos punhos e das pistolas».

Por seu lado, nas fileiras exaltadas de anarquistas e comunistas, embriagados ainda estes pela recente vitória da revolução comunista na Rússia (1917), não era raro ouvir alguns dizerem, com toda a seriedade, que os problemas da Espanha só ficariam resolvidos «no dia em que o último padre fosse enforcado com as tripas do último bispo».

A propaganda da extrema esquerda, coalizão heterogênea que integrava a Frente Popular governista, exacerbava o ódio e os preconceitos contra a religião (pois não foi Marx quem chamou a religião de «ópio do povo», e não estava sendo implacavelmente perseguida na Rússia?), um ódio cego contra a Igreja e contra o clero, apresentados como agentes truculentos da reação, que deviam ser eliminados.

Ideologias antagônicas e messiânicas entravam, assim, numa ebulição revolucionária, fechada a qualquer diálogo.

A grande maioria dos cidadãos comuns não estava de acordo com nenhuma dessas ideologias extremas da esquerda e da direita. Após eleições livres, nessas datas chegou a ocupar o poder por breve tempo uma coligação de centro. Mas a “caixa de Pandora” do extremismo já tinha sido aberta, e as ruas de Madrid, Barcelona e outras cidades, ficavam tingidas pelo sangue dos assassinados de ambos os lados, enquanto as «milícias populares» deixavam templos e conventos em chamas<sup>1</sup>.

Só em 11 de maio de 1931, a fumaça de dez conventos incendiados toldava o céu de Madrid. No dia seguinte, fatos semelhantes repetiram-se em muitas cidades espanholas e mais cem conventos ficaram ardendo. O poder público acabou mostrando-se inoperante e incapaz de conter a situação.

Em outubro de 1934, houve uma intentona comunista nas Astúrias, região mineira do Norte da Espanha, que já fora antes palco de várias ações revolucionárias. O saldo da revolta foram 58 igrejas destruídas e 34 padres massacrados<sup>2</sup>.

De fato, aquele governo da Frente Popular muito cedo foi ficando refém dos extremistas, cuja ânsia de exterminar a religião e acabar com o clero acuou os católicos – abertamente perseguidos – e os levou, mesmo a contragosto muitas vezes, a ficar do lado oposto ao do governo da República .

Não é difícil imaginar qual era a tensão, as paixões, o fervilhar político da juventude – e dos adultos – naqueles anos trinta. Josemaria Escrivá começara a difundir os ideais cristãos do Opus Dei entre jovens universitários, operários e artistas. Muito poucos, no começo, e só pouco a pouco. Basta dizer que, ao rebentar a guerra, o número de membros do Opus Dei não chegava a uma dúzia, todos jovens e na maioria estudantes. Todos eles na idade em que o sangue ferve.

Pois bem, naquela panela de pressão dos radicalismos, Josemaria Escrivá conseguiu criar à sua volta um espírito inédito – especialmente inédito na “quente” Espanha – de conciliação, de amizade, de respeito por todas as posições políticas ou sociais que um católico pode defender, e também de compreensão serena para com as pessoas que sustentam posições ideológicas incompatíveis e até agressivamente contrárias ao

cristianismo. Em sua vida, cumpria-se o lema de Santo Agostinho: «*Interficere errorem, diligere errantem* – Combater o erro, amar o que erra». Para o Pe. Josemaria, combater o erro consistia em dialogar, em saber escutar, em estudar as idéias divergentes, com tempo, com paciência e com respeito.

## UM CORAÇÃO QUE AMA A LIBERDADE

Um dos primeiros seguidores de Escrivá – filho de um convicto socialista e destacado republicano, perseguido por Franco, que conseguiu salvar a vida exilando-se na Argélia – foi Pedro Casciaro, então estudante de Matemática e de Arquitetura em Madrid. Esse rapaz pôde acompanhar São Josemaria em todas as aventuras do período conturbado da preguerra e da guerra e, por isso, é testemunha valiosa, sobretudo porque deixou suas memórias escritas num excelente livro: *Soñad y os quedaréis cortos*<sup>3</sup>.

Conta Pedro que o Padre (assim o chamavam todos) «nos infundia serenidade e a sua atitude ponderada e equânime contrastava totalmente com o ambiente radicalizado que nos cercava. Jamais discutia sobre questões políticas: os seus juízos sobre o que estava acontecendo eram sempre profundamente sacerdotais... Sofria muito: pela Igreja e pela situação de seu país, que tanto amava; e respeitava, no que se refere à vida pública, todas as opiniões legítimas de um cristão».

Recorda que, entre os poucos membros do Opus Dei e outros jovens que Escrivá orientava espiritualmente, havia grande diversidade de posições, «e nos ensinava a ter um grande respeito pela liberdade de cada qual»<sup>4</sup>.

Um desses jovens, José Luis Múzquiz, engenheiro recém formado, comenta que vários deles tinham curiosidade por saber qual era a linha política com a qual o padre simpatizava. «Eu perguntei-lhe – escreve – a sua opinião sobre um personagem político muito falado na época. Respondeu-me imediatamente: “Olha, aqui nunca te vão perguntar por política; vêm pessoas de todas as tendências: carlistas, de Ação Popular, monarquistas de Renovação Espanhola... E ontem estiveram aqui o Presidente e o Secretário da Associação de Estudantes Nacionalistas Bascos... Pelo contrário, vão te fazer outras perguntas mais incômodas: perguntarão se fazes oração, se aproveitas o tempo, se teus pais estão contentes, se estudas, pois para um estudante estudar é obrigação grave...”»<sup>5</sup>.

Pedro Casciaro confirma essas lembranças com a força do seu testemunho de filho de um republicano perseguido que, como o pai, teve de sofrer também pessoalmente, como veremos depois, da parte dos franquistas: «Num clima de revanchismo exacerbado, jamais vi nem ouvi no Padre expressão alguma que não fosse serena, prudente e caridosa para com todos. E dos que naquela altura estivemos mais perto dele, poucos talvez pudessem estar tão sensibilizados como eu, por causa da minha complexa situação familiar. Eu teria detectado instantaneamente um comentário ofensivo, um gesto de desprezo, uma alusão; mas nunca houve nada disso. O Padre nunca falava de política: queria e rezava pela paz e pela liberdade das consciências; desejava, com seu coração grande e aberto a todos, que todos voltassem e se aproximassem de Deus [...]. Nunca formulou uma acusação contra

ninguém: quando não podia louvar, calava-se. Jamais teve uma expressão de rancor. Naquela época, não era nada fácil unir o amor à justiça com a caridade; mas o Padre soube fazê-lo admiravelmente»<sup>6</sup>.

## O FUTEBOL DA CONCÓRDIA

Interessante foi a idéia de Josemaria Escrivá de incentivar, dentro da principal prisão de Madrid, um futebol conciliador.

Baseio-me agora nas lembranças de um dos protagonistas, que conheceu o Pe. Escrivá no verão de 1932<sup>7</sup>. Naquele ano, as arruaças, lutas e tiroteios já faziam parte da vida cotidiana, e tinham como consequência a detenção pelas forças policiais de muitos exaltados de tendências políticas as mais divergentes.

Assim fala do acontecido o citado protagonista: «Em 10 de agosto de 1932, participei de um intentona militar, que fracassou poucas horas depois. Um colega e eu fomos detidos e metidos na prisão, na “Cárcel Modelo” de Madrid. O Pe. Josemaria, que jamais teve a menor vacilação para atender espiritualmente as pessoas, por maior que fosse o risco que corria, visitava-nos com frequência. Era admirável que viesse vestido de batina, pois então levar o hábito talar já significava um perigo grande.

«Aguardava-nos no “locutório” dos presos políticos: uma longa galeria dividida por duas grades, separadas entre si uns dez centímetros. Lá, nas grades daquele locutório, continuava a chamar-me a atenção o caráter espiritual das suas conversas. Insistia-nos na importância do trabalho e do estudo, coisa que, à primeira vista, parecia bem pouco adequada àquelas circunstâncias de encerramento forçoso. Mas falava de tal maneira, descobrindo ante os nossos olhos o valor santificador do trabalho, que produziu efeito imediato. E comecei lá mesmo a ministrar aulas e a estudar francês.

«Durante aqueles meses, uns anarco-sindicalistas do Sul da Espanha, se não me engano de Cádiz, assassinaram vários guardas civis, entre eles o chefe do posto, e proclamaram a “Revolução libertária”. Foram detidos e confinados também na Penitenciária Modelo, numa galeria diferente da nossa. Diariamente todos os presos, comuns e políticos, descíamos a pátios diferentes pra fazer exercício. A nossa surpresa foi grande quando vimos os anarco-sindicalistas no nosso lugar de passeio. Costumávamos jogar futebol, e continuamos a fazê-lo ante o olhar espantado daqueles inesperados companheiros.

«Na primeira oportunidade, expus ao Padre o meu problema: “Como podemos conviver com homens tão contrários aos nossos ideais e à nossa fé?”. A resposta deixou-me pasmado: “Agora vocês têm a oportunidade de falar com eles, conversando com cada um, em particular, com respeito e carinho. Tenham em conta que provavelmente não tiveram pais cristãos como vocês, nem viveram num ambiente como o de vocês. Que teria sido de vocês e de mim se estivéssemos nas suas mesmas circunstâncias? Não se esqueçam de que recebemos a fé de graça e temos obrigação de difundi-la. Agora têm a

oportunidade, nesse pátio, de lhes demonstrar que são cristãos, convivendo e jogando bola com eles como se fossem seus melhores amigos”». E acrescentava: «Ao rezar o Pai nosso, prestem muita atenção às duas primeiras palavras: “*Pai*”... “*nosso*”».

O interlocutor do padre ficou gelado. Mas, após refletir, seguiu o conselho recebido. «Depois de uns dias de convivência tensa no pátio, organizamos um jogo de futebol nos termos sugeridos pelo Padre. Eu era goleiro e meus zagueiros dois anarcosindicalistas. Nunca jogávamos na mesma posição, que variávamos com frequência. Nunca joguei futebol com mais elegância e menos violência. Ao sairmos da cadeia, mantivemos a amizade com alguns deles, e vários se aproximaram da Igreja» .

## **SUBINDO A LADEIRA DO PERDÃO**

Os relatos que acabamos de contar podem dar a ideia de um Josemaria Escrivá calmo por natureza, ou pouco sensível, ou talvez sentimental e apático. Por isso, antes de prosseguir, parece-me necessário desfazer esse possível equívoco.

Na realidade, o valor da sua paciência, compreensão e perdão só pode ser entendido tendo em conta que o seu temperamento era, por natureza, exatamente o contrário da frieza e da insensibilidade calma. Josemaria Escrivá era a antítese do homem de índole acomodada: tinha um temperamento extremamente forte, enérgico, impetuoso, de reações prontas e apaixonadas. A luta pelo autodomínio, a serviço do seu ideal e, sobretudo, o amor – amor crescente a Deus e aos homens –, explicam (vivificado tudo nele pela força principal em que se apoiava, a “graça de Deus”) essa extraordinária transformação. Mudou, mas nada perdeu da têmpera do seu caráter, do ímpeto generoso das suas decisões e ações, da vibração e energia das suas palavras e gestos.

Uma rápida imersão na sua biografia, vai-nos mostrar, com episódios e testemunhos, o que afirma o historiador Andrés Vázquez de Prada: «Durante toda a sua vida teve de lutar contra a natural impetuosidade de seu temperamento, para submeter aquela torrente de sadia energia, convertendo-a em força dominada e em fortaleza de ânimo para enfrentar os obstáculos»<sup>8</sup>.

Ninguém nasce santo, ninguém nasce virtuoso. Josemaria era uma criança agradável, simpática, mas não lhe era nada fácil dominar-se quando alguma coisa o deixava esquentado. Vejamos três episódios da infância<sup>9</sup>.

O primeiro foi a briga, que chegou ao corpo a corpo, com um coleguinha de escola, chamado cruelmente pelos demais de “patas porcas”, “cascão” diríamos nós, pois era conhecido pela sujeira habitual dos seus joelhos. Insultou e agrediu o pequeno Josemaria, e esse não aguentou. Acabaram atracando-se numa pancadaria feia. Lembrando-se desse fato, Josemaria costumava dizer: «Não sei se tive algum motivo para fazer aquilo; mas se tive, perdi a razão no momento em que parti para cima daquele meu companheiro, porque com a violência nunca se tem razão, e já então me ficou na boca uma grande amargura»<sup>10</sup>.

Uma segunda reação. Cansado de ver reaparecer à mesa uma comida de que não gostava, o garotinho Josemaria um dia não se segurou, e jogou violentamente o conteúdo do prato contra a parede. O pai, sem mais palavras, mandou-lhe recolher aquela sujeira, e fez questão de demorar vários meses até limpar a mancha que ficara no papel de parede, para que fosse uma censura visível do erro cometido<sup>11</sup>.

Terceiro episódio. Nascido em 1902, Josemaria tinha cinco irmãos: ele e mais quatro meninas. Garoto de grande coração, muito carinhoso, embora com pontadas de timidez, viu morrer, sucessivamente, três das suas quatro irmãs: Maria do Rosário faleceu em 1910, com apenas nove meses de idade; dois anos depois, em 1912, Lolita, já com cinco anos de idade; e em 1913 morria, aos oito anos, a pequena Maria Assunção. Poucos meses antes de que esta última se fosse, ferido pela dor, Josemaria entrou no quarto onde a irmã mais velha, Carmen, juntamente com Assunção – ainda viva – e uma amiga chamada Maria del Carmen, brincavam de fazer castelos com cartas de baralho. Conta esta última: «Mal terminamos um castelo, Josemaria o derrubou com a mão. Ficamos chorosas, e perguntei: – “Por que você faz isso, Josemaria?” Muito sério, ele respondeu: “É isso o que Deus faz com as pessoas: você constrói um castelo e, quando está terminando, Deus lhe tira”»<sup>12</sup>.

Podemos completar esses quadros breves, com mais um, que amargou a sua alma, acontecido quando Josemaria já estava havia alguns anos no Seminário, onde inclusive ocupava o cargo de “Inspetor”. Um outro seminarista, bem mais velho, homem bom, porém bastante rude, provocou-o, insultando-o repetidas vezes. Josemaria, num dado momento não se segurou mais, reagiu descontrolado e partiu para cima dele, iniciando-se uma briga de socos e empurrões. Segundo se lê nas anotações do Reitor do Seminário, que ainda se conservam, aquele outro seminarista «proferiu contra ele palavras grosseiras e impróprias de um clérigo e, na minha presença, o insultou na Catedral da Sé». Acrescenta, nesse registro, que o seminarista Escrivá aceitou o castigo imposto pelos superiores, o que «foi uma glória para ele, por ter sido em minha opinião o seu adversário quem bateu primeiro».

Josemaria perdeu o sossego espiritual, e abriu a alma por escrito, em carta a seu antigo diretor espiritual no Seminário de Logronho, Pe. Gregório Fernández. Este respondeu-lhe, em 26 de outubro de 1923: «Conheço a nobreza dos seus sentimentos e tenho a certeza de que nesta data você não abriga no seu coração o menor vestígio de ressentimento. Não deve falar do assunto com ninguém a não ser com Deus».

O episódio encerra-se de modo positivo para todos. Depois do falecimento de São Josemaria, achou-se entre seus papéis um cartão do antigo agressor, capelão na altura de um hospital da Cruz Vermelha. Com nobreza de alma, decorridos muitos anos (a data do cartão era de 8 de outubro de 1952) dizia-lhe: «Arrepentido, e da maneira mais submissa e incondicional. *Mea culpa*»<sup>13</sup>. Tudo se juntava para desculpar a violência de Josemaria, mas ele nunca se desculpou. Calou-se e rezou pelo colega, mas não quis se justificar. «Violência nunca – repetiria ao longo da vida–; não é apta nem para convencer nem para vencer».

## PRECONCEITOS E ÓDIO DE CLASSES

Voltemos aos anos turbulentos em que a guerra civil fermentava, prestes a explodir. Já vimos antes que, num ambiente sobressaturado de propaganda marxista e anarquista, a classe proletária era conclamada à revolução – à imagem e semelhança da revolução russa –, para exterminar a classe burguesa opressora e seus aliados (entre os quais, o principal, conforme repetia a propaganda, seria a Igreja).

Isso explica que, naqueles anos trinta, um sacerdote não pudesse andar pela rua em Madrid (e em muitas outras cidades e povoados) sem receber insultos e zombarias. São Josemaria, que até o ano de 1936 não deixou de usar a batina, era alvo constante desses ataques.

Será interessante contemplar brevemente, a seguir, quatro casos desse tipo<sup>14</sup> e observar, através deles, a luta do Pe. Josemaria para vencer-se, desculpar e perdoar.

### *O operário sujo de cal*

No ano de 1930, o Padre apresentou-se um dia na academia Cicuéndez com a batina toda manchada de cal. Grande foi a surpresa dos alunos, que o conheciam como homem que costumava andar vestido dignamente, com a roupa limpa. Um deles, Mariano Trueba, perguntou-lhe o que tinha acontecido e depois o contou aos outros.

O padre Josemaria, como fazia habitualmente, ia de bonde rumo à academia, quando percebeu perto dele um pequeno grupo de operários da construção civil que cochichava, com ar de gozação, olhando para ele. De repente, um desses homens, que estava com o macacão todo manchado de cal, encostou-se nele e esfregou o macacão sujo na sua batina. O padre olhou-o nos olhos, com ar brincalhão, e, antes que o outro pudesse reagir, abraçou-o estreitamente: «Vamos lá, meu filho – disse-lhe –, vamos completar o serviço». Mostrou-lhe depois a batina suja de alto a baixo e comentou-lhe: «Que tal, ficou boa assim?». Mariano Trueba disse que pensou e comentou com seus amigos que o Pe. Josemaria só podia ter feito isso se fosse um santo .

### *A Espanha negra!*

Um fato do ano de 1931. Conta Josemaria, nos seus *Apontamentos íntimos*: «Ao chegar perto da Rua del Cisne, na Rua Fernández de la Hoz, passei por um grupo de pedreiros. Um deles, em tom de deboche, gritou: “A Espanha negra!” Ouvir isso e voltar-me para eles, com ar decidido, foi tudo uma só coisa . Mas lembrei-me do que o padre me tinha dito [refere-se ao seu confessor, o padre Valentín Sánchez Ruiz, que o aconselhara a falar “de modo suave, sem destempero nem irritação”], e falei de modo suave, sem me



zangar. Resultado: deram-me a razão, incluído o do grito, que, com outro deles, me apertou a mão».

### *Uma barata!*

«Outro caso – anotou Josemaria nos seus *Apontamentos íntimos*–: na Rua de Lista, no fim. Vinha este pobre padre, cansado da novena [uma novena que fazia no cemitério, junto ao túmulo de uma pessoa falecida com fama de santa]. Avança um pedreiro de uma obra que estão fazendo ali e diz, insultuoso: “Uma barata. É preciso esmagá-la!”. Muitas vezes faço ouvidos surdos aos insultos. Desta vez não pude. “Que corajoso! – disse-lhe –. Provocar uma pessoa que passa ao seu lado sem ofendê-lo! Isso é liberdade?” Os outros fizeram-no calar, dando-me a razão sem palavras. Uns passos mais adiante, outro pedreiro quis de algum modo explicar-me o porquê da conduta do seu companheiro: “Sei que não está certo, mas, sabe?, é o ódio”. E, com isso, achou que justificava o colega».

Josemaria tinha razão, mas não ficou satisfeito consigo mesmo. O próximo episódio vai lançar luz sobre isso.

### *Barro na cara*

Esta anotação pessoal é de princípios de agosto de 1931: «Continua a rajada de insultos aos sacerdotes. Fiz o propósito – renovo-o agora – de calar-me, ainda que me insultem, ainda que me cusпам. Uma noite, na praça de Chamberí, quando ia para a casa de Mirasol, alguém atirou-me à cabeça um punhado de barro, que quase me tapou uma orelha».

E o Pe. Josemaria, o que fez? «Nem piei. Mais: o propósito de que venho falando é apedrejar esses coitados *odientos* com Ave-Marias. Pensei que o tal propósito era firme, mas anteontem, falhei por duas vezes, armando barulho, em lugar de ter mansidão.

Como vemos, lutava, melhorava e rezava. Esforçava-se por aprender a perdoar. Saboreou vitórias e amargou derrotas; mas ele queria amar, mesmo sendo odiado, e isso se percebe no que anotou em seus *Apontamentos íntimos*, semanas depois, em 18 de setembro de 1931:

«Tenho de agradecer ao meu Deus uma notável mudança: até há pouco tempo, os insultos e as chacotas que, por ser sacerdote, me dirigiam desde a vinda da República (antes, raríssimas vezes) tornavam-me violento. Decidi rezar por eles com uma Ave-Maria à Santíssima Virgem, quando ouvisse grosserias ou indecências. Assim o fiz. Custou-me. Agora, ao ouvir essas palavras ignóbeis, regra geral, fico comovido, considerando a desgraça dessa pobre gente que, se procede assim, julga fazer uma coisa honesta, porque abusando da sua ignorância e das suas paixões, a fizeram crer que o sacerdote, além de ser um parasita vadio, é seu inimigo, cúmplice do burguês que o explora »<sup>15</sup>.

### *Um ódio remanescente*

Por estar na mesma linha dos anteriores, adianto aqui um episódio posterior à guerra, ocorrido nos anos quarenta, que mostra como mesmo depois da contenda ainda fumegavam rescaldos dos mesmos preconceitos acumulados durante a década de trinta.

Um belo dia, o Pe. Josemaria teve de tomar um táxi em Madrid. Como era habitual nele, puxou conversa com o taxista. Falou-lhe cordialmente de Deus, da beleza do trabalho santificado, da amizade e do espírito de diálogo e entendimento entre todos, mesmo que pensem de maneira diferente. Sua palavra era convincente, cativante. O taxista mantinha-se em silêncio, inexpressivo. Quando chegaram ao destino e o padre estava para descer, o motorista abriu a boca e perguntou:

– “Ouça. Onde é que o senhor esteve durante a época da guerra?”

– “Em Madrid”, respondeu-lhe o sacerdote.

– “Que pena que não o tenham matado”, replicou o motorista.

O Padre Josemaria perdoou-o e, para que visse que não lhe guardava nenhum rancor, tirou o dinheiro que trazia no bolso, entregou-lhe e disse-lhe:

– “O senhor tem filhos?” Vendo-o fazer um gesto afirmativo, acrescentou:

– “Fique com o troco. Compre uns doces para a sua mulher e os seus filhos”<sup>16</sup>.

#### *De onde nascia esse perdão*

Em todos os episódios que acabamos de narrar, observa-se – como dizíamos – a luta, o empenho contínuo de Josemaria Escrivá por conseguir perdoar. Era apenas um corajoso esforço de autodomínio? Certamente que não. Seu perdão fincava as raízes em águas mais profundas. Antes de prosseguirmos com o relato, vale a pena assomar o olhar a uma dessas raízes, talvez a principal.

Em 28 de novembro de 1932, anotava num caderno de *Apontamentos íntimos* a seguinte resolução:

«Vou-me esforçar, se for preciso, por perdoar sempre aos que me ofenderem, desde o primeiro instante, já que, por grande que seja o prejuízo ou a ofensa que me façam, mais me tem perdoado Deus a mim»<sup>17</sup>.

É evidente que, mesmo para um ateu ou agnóstico, o perdão pode ser uma manifestação de grandeza de alma e de fortaleza, mas tal perdão poderia ser compatível com a altivez e com o convencimento. Só a humildade cristã permite perdoar sem empoleirar-se no orgulho.

Escrivá julgava-se pecador – «um pecador que ama Jesus Cristo» –, e doía-lhe o que considerava suas faltas de correspondência ao amor de Deus. Muitas vezes expressava esse sentimento com vivacidade, e até mesmo com o humor de quem sabe rir de si mesmo:

«Eu tenho mais faltas que um jogo de futebol», afirmava<sup>18</sup>. Neste sentido, em 6 de março de 1972, glosando as palavras com que Cristo declara não precisarem de médico os que estão bons – espiritualmente –, mas os que estão doentes<sup>19</sup>, dizia: «Esta foi a minha oração constante durante o dia todo: Senhor, aqui estou eu, que sou um doente crônico e preciso de ti!»<sup>20</sup>.

Sentir a necessidade da misericórdia de Deus permitia-lhe ser misericordioso com os demais. Essa sua atitude espiritual encarnava o que João Paulo II descreveria em uma encíclica com as seguintes palavras: «O homem alcança o amor misericordioso de Deus, a sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, e vive o espírito de amor misericordioso para com o próximo»<sup>21</sup>.

Por isso, a consciência de ser pecador carecido de perdão não lhe tirava a paz nem a esperança. Vivia confiante, porque se abandonava à misericórdia de Deus. «Quem me sustenta é o Senhor, porque eu sou um saco de imundície. Procuo continuamente a união com Deus, e o Senhor me dá uma grande paz e uma grande serenidade»<sup>22</sup>.

## UMA APOSTA DOS ALUNOS

Voltemos de novo ao primeiro dos episódios acima relatados, o da batina enxovalhada de cal, porque essa história teve sequência. Enquanto os alunos da Academia Cicuéndez comentavam, espantados, o que tinha acontecido, outro professor lhes falou de um lado desconhecido da vida do Pe. Josemaria que os deixou intrigados.

Contou-lhes que esse jovem sacerdote, intelectual de nível, formado em direito pela universidade de Saragoça e em teologia pela Pontifícia Universidade da mesma cidade, e doutorando em direito pela de Madrid, dedicava-se a atender centenas de pobres e doentes – os mais abandonados –, no barracos e cortiços dos subúrbios, e nos hospitais públicos, repletos de tuberculosos e de outros doentes incuráveis. E que, para isso, ia de uma ponta a outra de Madrid, andando a pé ou de bonde, durante horas e mais horas.

Os alunos, incrédulos, fizeram apostas sobre a veracidade dessa informação e resolveram segui-lo às escondidas. Assim o fizeram, como espiões improvisados, e foram parar um dia ao extremo norte da cidade, ao bairro de Tetuán de las Victorias; e outro dia, aos arrabaldes perdidos de Vallecas, no sul da capital<sup>23</sup>.

Com os mais “largados” moralmente, mostrava-se afetuoso, pronto para levar-lhes, com o sacrifício que fosse preciso, o estímulo da reconciliação com Deus e com o próximo, o bálsamo da misericórdia<sup>24</sup>. Menciono a seguir, abreviadamente, três “casos” paradigmáticos.

### *O cigano esfaqueado*

Um bom dia, foi chamado, através da instituição católica “Patronato dos Enfermos” com a qual colaborava como capelão, para atender um cigano gravemente ferido numa briga de navalha (as famosas “navajas” espanholas, compridas, curvas e afiadas).

Encontrou-o moribundo numa maloca infecta. Perguntou-lhe:

– “Como se sente?”

– “Muito mal, padre... Pode confessar-me?”

– “Claro!”

Acabada a confissão, o sacerdote, com um sorriso afetuoso, animou-o: – “Jesus perdoou você. Não quer beijar o crucifixo?”

O cigano, com os olhos banhados de lágrimas, gritou: – “Com esta minha boca podre não posso beijar Nosso Senhor!”

E São Josemaria: “Mas se você vai beijá-lo daqui a pouco no céu, e, além disso, receberá dele aquele abraço!...”<sup>25</sup>.

### *O irmão da cafetina*

Um dia chegou-lhe um recado insólito. Uma mulher, dona de um bordel, tinha no local um irmão menor, gravemente doente, em perigo de falecer de um momento para outro, e sem possibilidade de locomover-se. O rapaz pediu um padre, e essa irmã – mulher de fé, ainda que de prática lastimável – tentou, angustiada, uma solução. Falaram-lhe daquele sacerdote que a todos acolhia, e pediu que o chamassem. O Pe. Josemaria prontificou-se a ir ali para atender o moribundo, mas avisou que só apareceria acompanhado por um ancião venerável, figura conhecida e respeitada em Madrid – de fato foi junto com ele –, e com a condição de que, ao longo de todo aquele dia, não se cometesse naquela casa nenhuma ofensa de Deus. A dona prometeu e cumpriu, e o irmão faleceu na paz de Deus, com todos os Sacramentos, aconchegado pelas palavras de fé e esperança do padre <sup>26</sup>.

### *O ídolo caído*

No Hospital del Rey de Madrid, imenso, atulhado de doentes até nos corredores, as visitas do Pe. Josemaria eram constantes. Muitas vezes o acompanhavam vários daqueles jovens cativados pela sua mensagem de santidade e apostolado no meio do mundo. Atendiam os doentes, quase todos tuberculosos, limpavam-nos, cortavam-lhes as unhas e o cabelo, lavavam os vasos de noite...

Entre as dezenas de tuberculosos terminais que Escrivá atendeu, sem rechar o contágio, deparou certa vez com uma mulher que tinha ocupado, por família e relações, um lugar muito elevado na vida social. Agora era um farrapo humano. Durante anos, caiu na maior devassidão e acabou doente e abandonada por todos. No derradeiro trecho da vida, a Providência lhe fez encontrar um padre que não se scandalizou com ela, mas que lhe estendeu a mão consagrada para perdoar e abençoar, como Cristo fez com a pecadora e

com a mulher adúltera. Ajudou-a a se reconciliar com Deus, com grande amor e confiança, a receber a Extrema Unção e a oferecer como expiação pelos seus erros a própria dor da sua enfermidade. A mulher ficou tão feliz, com uma paz tão luminosa e serena, que Josemaria diria depois: «Eu sentia uma inveja louca... Aquela mulher repetia, saboreando, feliz: “Bendita seja a dor!”», aquela dor que, purificando-a, lhe abria as portas do céu<sup>27</sup>.

Lembrando-se dessa época intensa entre pobres, doentes, crianças miseráveis e enjeitados, Josemaria explicava que neles, nessas figuras que a sociedade marginaliza, ele achou a força, o alicerce sólido para a fundação do Opus Dei. Rezava por eles e pedia-lhes que rezassem e oferecessem a Deus os seus sofrimentos “por uma obra que será para louvar muito a Deus”, o Opus Dei que, no começo, nem sequer tinha nome.

«Fui buscar fortaleza – diria anos mais tarde – nos bairros mais pobres de Madrid. Horas e horas por toda a parte, todos os dias, a pé, de um lado para outro, entre pobres envergonhados e pobres miseráveis, que não tinham nada de nada... E os hospitais. Aquele Hospital Geral de Madrid, carregado de doentes paupérrimos, aquele Hospital del Rey, onde só havia tuberculosos... E essas foram as armas espirituais para vencer! Essa foi a força para ir em frente!»<sup>28</sup>.

## **SEGUNDA PARTE: PERDÃO EM TEMPOS DE GUERRA**

### **IRROMPEU O INCÊNDIO**

A guerra civil espanhola começou em 18 de julho de 1936 com a rebelião militar liderada pelo general Francisco Franco, futuro ditador “vitalício” da Espanha.

As paixões, já efervescentes, explodiram de vez com violência inaudita. Só um mês depois do começo da guerra, em agosto de 1936, em todas as regiões da Espanha dominada pela república, cidades, povoados e granjas foram inundados pela fúria anticlerical. Apenas nesse mês de agosto houve 2.077 assassinatos de padres, frades e freiras, numa média de 70 por dia, além das execuções sumárias de muitos leigos, só pelo fato de serem católicos<sup>1</sup>.

Eu morava em Barcelona, cidade dominada durante toda a guerra pela Frente Popular e cenário de violenta perseguição contra a Igreja. O meu testemunho pessoal sobre essa perseguição é insignificante, pois quando a guerra começou contava apenas quatro anos e sete meses de idade. Contudo, alguns fatos me ficaram gravados na mente infantil, especialmente dois, que me parecem significativos.

Recordo como se fosse hoje o dia em que a minha mãe, apavorada, reuniu todos os livros de orações e objetos religiosos da nossa casa e dedicou uma tarde inteira a queimá-los na caldeira da calefação do prédio. Já havia a triste experiência de que bastava acharem um simples crucifixo para que as milícias populares matassem na hora, com um tiro na nuca ou no peito, o cidadão portador desse objeto de devoção. «Qualquer grupo armado – comenta Hugo de Azevedo no livro “Missão cumprida”<sup>2</sup> – se sentia no direito de revistar

as casas, de prender os “inimigos do povo” e de os executar. Qualquer ressabiado podia “denunciar” quem quer que o incomodasse».

Uma segunda lembrança. Após um dos piores bombardeios à cidade, toda a família partiu a pé para uma pequena chácara (que alugávamos nas férias), a poucos quilômetros de Barcelona, onde permanecemos a resguardo das bombas. Um belo dia apareceu nessa chácara um camponês, de tamancos, boné e cesto de verduras, que meu pai cumprimentou cordialmente. Pouco depois, todos nos reuníamos no quarto de dormir de meus pais. Lá, numa cômoda, puseram um copo, um pedaço de pão e uma garrafa com vinho. O “camponês” era um padre disfarçado que, como tantos outros, arriscava a vida para trazer clandestinamente a alguns o consolo de uma Missa esporádica. Lembrando-me depois de que, no começo da Missa, pais e crianças demos várias voltas o quarto com uma plantinha na mão, vim a saber que tínhamos celebrado o Domingo de Ramos, e que as voltinhas em círculo eram a procissão dos ramos. Nunca mais, naqueles três anos, pudemos participar de uma outra Missa.

Terminada a guerra, o balanço final foi o seguinte (sem contar que, do outro lado, também um bom número de padres, especialmente nacionalista bascos, foram fuzilados pelos extremistas de direita): foram mortos pelos anarco-sindicalistas e comunistas 13 bispos (entre outros, o de Barbastro, a terra de Escrivá, castrado em público e arrastado nu e sangrante pelas ruas da cidade), 4.184 padres diocesanos, 2.365 padres e irmãos membros de institutos religiosos e 283 freiras<sup>3</sup>. Os leigos católicos assassinados são incontáveis. Várias centenas desses sacerdotes, religiosos e leigos já foram canonizados nos últimos decênios como verdadeiros mártires.

Este era o clima em que contemplaremos o espírito de perdão de Josemaria Escrivá. Um ambiente bem descrito por Hugo de Azevedo, na obra já citada, quando diz: «Eram tempos brutais. Madrid, um inferno de ódios e de morte. A cidade dividia-se em predadores e fugitivos. Mas a fuga era impossível. A bela capital transformara-se numa imensa prisão, e ninguém sabia o que seria de si nem da família nas próximas horas. Os cadáveres apodreciam nas ruas, ou eram expostos nas praças para busca dos parentes...»<sup>4</sup>.

## **ACOSSADO COMO UM CRIMINOSO**

Na segunda-feira, 20 de julho de 1936, o Pe. Josemaria celebrou a missa na residência de estudantes da Rua Ferraz, n. 16, a sede do único centro do Opus Dei existente naquela altura: dois apartamentos onde, além da residência para uns poucos universitários, muitos rapazes reuniam-se para estudar, receber formação cristã, combinar iniciativas de serviço social... Fazia pouco que conseguira transferir a sede de um primitivo centro para essa casa à custa de muitos sacrifícios. Mal suspeitava que não tornaria a celebrar missa lá novamente por longo tempo.

O vulcão das hostilidades, como acabamos de ver, entrara em erupção, e o anticlericalismo, permanentemente atiçado, atingia o auge da fúria e da crueldade. Ser padre era a mesma coisa que carregar um cartaz que dissesse: “condenado à morte”.

Mal estourou a contenda com a sublevação das tropas das guarnições militares do Marrocos espanhol, liderada por Franco, a reação dos partidários do governo republicano foi imediata, com virulência inaudita contra todo e qualquer suspeito de conivência com os golpistas. Especialmente, contra os militares suspeitos de direito e contra toda pessoa que fosse ou parecesse ser padre. Não havia distinções, nem de idade, nem de idéias, nem de folha corrida. “Padre” era sinônimo de inimigo a ser eliminado quanto antes.

Nesse clima, explica-se o acontecimento que São Josemaria evocava com dor: «Nem antes nem depois de 1936 intervim direta ou indiretamente na política: se tive de esconder-me, acossado como um criminoso, foi só para confessar a fé, mesmo quando Nosso Senhor não me considerou digno da palma do martírio. Numa dessas ocasiões, enforcaram numa árvore, diante da casa em que morávamos, uma pessoa que tinham confundido comigo»<sup>5</sup>.

Nunca chegou a conhecer a identidade da vítima. «Consta-me – declarou Mons. Javier Echevarría, secretário de São Josemaria por muitos anos e atual Prelado do Opus Dei – que rezou por essa pessoa durante toda a sua vida, enquanto pedia perdão ao Senhor por aqueles que tinham cometido o assassinato»<sup>6</sup>.

«Esconder-me acossado como um criminoso». Esse foi o seu dia-a-dia em Madrid, desde 18 de julho de 1936 até outubro de 1937. Vestido à paisana, e usando a aliança de seu falecido pai, que a mãe lhe dera para que o tomassem por homem casado, teve que correr de esconderijo em esconderijo, à beira de ser detido muitas vezes, enquanto não cessava de exercer clandestinamente, com risco de vida, o seu ministério sacerdotal e a tarefa de confortar espiritualmente os membros do Opus Dei, dispersos em cárceres, tocas e fronts de batalha. Mas o relato dessas aventuras não é objeto deste livro. Por isso, vou abordar a seguir apenas algumas cenas em que destaca o espírito de perdão.

## **O REFUGIADO .**

Após refugiar-se, por breve tempo, em casas de famílias amigas – generosas, mas apavoradas pela presença de um padre –, dois jovens médicos, amigos e seguidores do padre, conseguiram que o Dr. Ángel Suils, um antigo colega de Josemaria Escrivá do colegial, aceitasse acolhê-lo como doente na sua clínica psiquiátrica, situada nos arredores de Madrid<sup>7</sup>.

Em 7 de outubro, um carro a serviço do Hospital de Urgência, dirigido por um miliciano, foi apanhar o “louco não perigoso” e deixou-o no sanatório. É expressivo do ambiente da época o comentário do miliciano motorista: «Se está tão louco, o melhor é dar-lhe dois tiros e não perder tempo». Lá permaneceu, fingindo-se de louco – tentando iludir enfermeiras pertencentes a sindicatos extremistas, que já suspeitavam dele – até

meados de março de 1937. Mesmo com esses perigos, sabendo que a maioria dos internados era católica e gostaria de confessar-se e comungar, fez prometer ao Dr. Suils que não permitiria que nenhum desses pacientes em perigo de morte viesse a falecer sem que ele lhe tivesse administrado os últimos sacramentos.

O detalhe de perdão que se relaciona com esse enclausuramento é o seguinte. Quando Josemaria resolveu sair do sanatório, para acolher-se a outro refúgio, o médico forneceu-lhe um atestado com um diagnóstico fictício que justificava a sua internação. O papel, de 14 de março de 1937, dizia assim: «Certifico que José Maria Escribá (sic) Albás, de 35 anos de idade, vem sendo tratado por mim, desde que tinha 29 anos, de uma psicose endógena de que é acometido periodicamente. É-lhe dada alta no dia de hoje, após o último surto da doença que o obrigou a ficar internado neste Sanatório durante vários meses, dadas as dificuldades que havia de ser tratado em domicílio por causa dos acontecimentos atuais. A partir de hoje, damos-lhe permissão para morar com sua irmã»<sup>8</sup>.

Josemaria conservou esse papel. E eis que, acabada a guerra, encontrou na cidade de Vitória (País Basco) um padre conhecido, que fora reitor do Seminário de Madrid e que, antes da guerra, se tinha permitido qualificá-lo publicamente de visionário e de “doido”. Com o rosto risonho aproximou-se do colega e deu-lhe a ler o atestado do Dr. Suils. Não lhe esfregou o papel na cara. Soube tirar importância ao antigo malentendido com um gesto divertido, que reduziu tudo ao nível de uma brincadeira. O bom humor diluiu o preconceito, a ofensa antiga. Tanto é assim, que aquele colega, padre bom e zeloso, ficou de tal modo impressionado que, desde então, professou por São Josemaria um afeto constante e sincero<sup>9</sup>.

É natural perguntar-se como se explica, nesse episódio, a ausência de “veneno” por ambas as partes? A resposta só pode ser achada nas “águas profundas” onde fincava raízes o perdão de Josemaria.

Um fato contado por Álvaro del Portillo pode ilustrar melhor a resposta que muitas considerações morais: «Nos começos da década de quarenta, uma irmã de minha mãe e seu marido convidaram-nos, ao nosso fundador e a mim, para um almoço junto com Manuel Aznar, um intelectual bastante conhecido, então considerado o melhor jornalista espanhol, e que mais tarde seria embaixador da Espanha nos Estados Unidos. A certa altura, Aznar disse ao Padre:

«“Como gostaria de escrever a sua biografia!”

«E o Padre replicou: “Dou-lhe a minha biografia...: Pecador! Mas um pecador que ama muito Jesus Cristo”»<sup>10</sup>.

Aquele que perdoava sentia-se confundido pelo incansável perdão que ele próprio recebia continuamente de Deus. Por isso, falava da sua vida como uma «vocaçãõ de filho pródigo».

## **EXILADO EM SUA PRÓPRIA PÁTRIA**



### *O ambiente externo*

Em 14 de março de 1937, saiu do sanatório para se refugiar no Consulado de Honduras, situado no n. 51 do Paseo de la Castellana, a principal avenida do centro de Madrid<sup>11</sup>. A instâncias de amigos de sua família, o cônsul Pedro Jaime de Matheu Salazar acolheu-o nesse refúgio diplomático, com mais cinco companheiros: o irmão Santiago, e quatro membros do Opus Dei.

“Acampavam” na sala, por falta de outro espaço. Só dispuseram de um aposento em meados de maio: um quarto pequeno, que devia ter sido antes depósito de carvão. Era estreito e, à noite, ficava totalmente coberto pelos colchonetes que, enrolados durante o dia, estendiam no chão. Só havia uma janelinha estreita, que dava para um prisma interno de ventilação. O cubículo era tão sombrio que durante o dia era necessário deixar ligada uma única lâmpada, que caía do teto pendurada de um fio elétrico. Era nesse “buraco” que o Padre organizava a vida de seus filhos<sup>12</sup>.

Ali, nesse asilo diplomático – verdadeiro exílio – permaneceram todos juntos durante meio ano, até agosto de 1937. A fome apertava, a incerteza pairava, pois fazia pouco o Consulado do Peru havia sido invadido por forças armadas, que prenderam todos os refugiados: 300 espanhóis e 60 peruanos.

A filha do cônsul, Consuelo, declarou posteriormente: «A gente tinha medo e achava que podia ficar comprometida [pela presença de um padre]. Por isso o Pe. Josemaria, desde que o meu pai lhe disse que era perigoso celebrar a Missa [que começou celebrando num vestíbulo], sempre a celebrava no quarto que eles ocupavam»<sup>13</sup>. O altar era um caixote de garrafas vazio, virado. O cálice, uma taça de cristal da família, emprestada pela esposa do cônsul.

O alimento era insignificante, de modo que imperava uma fome de cão. Tanto assim que, quando Dona Dolores, mãe do Pe. Josemaria, conseguiu visitá-lo ali, não o reconheceu de início, tão magro estava. Só quando lhe disse “mamãe!”, reconheceu-o pela voz e abraçou-o emocionada.

### *O ambiente daquela pequena família*

Qual era o clima daquele «band of brothers», após as tensões extenuantes, a fuga incessante, o risco de vida, a carência de quase tudo, a asfixia da liberdade? Os outros refugiados do consulado – coisa natural, naquelas circunstâncias – viviam lamentando-se a toda hora, comentando a guerra e as suas desgraças, e ficavam agoniados com a demora da libertação, além de brigarem entre si, pois os nervos estavam à flor da pele.

Aquele pequenina família do Opus Dei nascente conseguiu criar ali um ambiente de trabalho, serenidade, cordialidade e esperança, que assombrava e contagiava a outros.

O Pe. Josemaria – como fez em qualquer circunstância da guerra, e sempre – animou-os a organizar o dia como se estivessem em plena normalidade. Queria que não se esquecessem de fazer render o “tesouro” do tempo, e evitassem as divagações da imaginação angustiada. Um horário para estudo (entre outras matérias, aprendizado de

línguas, preparando a futura expansão do Opus Dei pelo mundo) e trabalhos de ordem material; e, entrelaçado com ele, um horário para as práticas da vida espiritual (oração, Missa, terço, leitura da Bíblia e de alguma obra de espiritualidade...). Quase todos os dias o Padre dava-lhes uma meditação, pregando sobre o Evangelho<sup>14</sup>.

Ao mesmo tempo que mantinham o recolhimento, no dia assim aproveitado, evitavam o isolamento, procurando conversar com outros refugiados, animá-los e, de algum modo, aproximá-los de Deus.

O genro do cônsul, José Luís Rodríguez-Candela, comentaria depois que nunca viam no Pe. Josemaria «um gesto de inquietação ou de depressão: era pessoa que tornava fácil e amável a convivência, que não criava problemas de nenhum tipo, que nunca fez um comentário menos positivo, nem a respeito do governo vermelho ou do branco, nem dos bombardeios nem das dificuldades»<sup>15</sup>.

Um dos rapazes refugiados com ele, Eduardo Alastrué, anotou na época o comentário de outro dos jovens membros do Opus Dei, José Maria Barredo: «Isto não pode continuar, está bom demais». E o próprio Eduardo testemunhou: «Tomara, pensávamos às vezes, que aquilo durasse para sempre! Porque, será que nós tínhamos conhecido antes algo melhor do que a luz e o calor daquele recanto? Esta era a reação – tão absurda naquelas circunstâncias, como lógica no nosso modo de ver as coisas – a que nos levavam a paz e a felicidade que saboreávamos dia após dia»<sup>16</sup>.

Todos os refugiados com o Pe. Josemaria fugiam de uma perseguição injusta, que punha em risco as suas vidas, além dos bens materiais, a família e a carreira. Tinham motivos de sobra para que neles, com os nervos em frangalhos, fermentasse um forte ressentimento contra os perseguidores, a revolta contra os responsáveis por tamanho descabimento. E, no entanto, junto do Padre, nada disso havia. Não era coisa natural. Ali havia algo que escapava aos parâmetros humanos habituais: a grandeza do espírito de fé, unido a um incrível espírito de compreensão, convivência e perdão.

### *Uma ausência que chama a atenção*

Vázquez de Prada, ao refletir sobre esses fatos, comenta que o que normalmente nos chama a atenção é algum gesto esquisito, um fato ou palavra insólitos, mas que há coisas que chamam a atenção precisamente pela sua ausência, porque não se veem<sup>17</sup>. O biógrafo está falando da abundante correspondência de Josemaria Escrivá, nesse tempo de encerramento, dirigida a seus filhos espirituais não presentes no consulado e à sua família: escrevia-lhes em código, fazia chegar as cartas por meio de portadores e subterfúgios diversos, e assim mantinha esses contatos, ajudando por escrito os que não podia ajudar de palavra.

Pois bem, o biógrafo diz que «seria previsível achar nas suas cartas o que o historiador, porém, não encontra. Consiste em que, por mais que se procure nos seus escritos, não aparecem referências nem comentários a temas políticos. Não se alude a

governos, nem a zonas, nem a frentes de batalha, a amigos ou inimigos, a vítimas ou culpados. Esses silêncios não se devem à censura, mas a razões de caráter espiritual, como se reflete nos relatos daqueles que compartilhavam o asilo consular... Assim, os seus filhos não se exaltavam com ânimo belicoso. Diante dele, não se comentavam as operações militares nem os crimes na retaguarda. Esquecia-se e perdoava-se».

Depois, para evitar equívocos, acrescenta: «O fundador não se retraía, se fosse necessário, de comentar o tema da guerra – que sempre qualificou de “catástrofe” –; mas, com espírito sacerdotal, abria os braços às almas de uma e outra zona, de um e outro bando. Na oração do sacerdote ao celebrar a Missa estava presente o oceano de sofrimentos daquela contenda: nas frentes de batalha, nas prisões, nos hospitais, nos lares, nos refúgios».

«A atitude do Pe. Josemaria não era de frio desinteresse. Obedecia a uma delicada caridade, dominada por uma visão mais alta, cristã, daquilo que se passava no mundo: “continuamente preocupado – diz o genro do Cônsul – pelo que vinha acontecendo, se bem que, ao mesmo tempo, estava muito por cima das circunstâncias [...]. Nunca se pronunciou com ódio nem com rancor a respeito de ninguém; limitava-se a dizer: ‘Isto é uma barbaridade, uma tragédia’. Doía-lhe o que se passava, mas sempre dentro de uma perspectiva mais alta. E quando nós celebrávamos vitórias, o Pe. Josemaria permanecia calado”»<sup>18</sup>.

Era uma atitude característica dele. Praticava o que ensinava: «Não admitas um mau pensamento de ninguém, mesmo que as palavras ou obras do interessado dêem motivo para pensar assim razoavelmente»<sup>19</sup>.

Todos os que o conheceram asseveram este fato: Nunca classificava as pessoas, espetando-lhes um juízo negativo, como se fossem insetos numa coleção – «eu não ponho etiquetas em ninguém»<sup>20</sup> –, porque sabia que cada ser humano é um mundo que só Deus pode perscrutar até ao fundo, um universo infinitamente maior e mais rico do que seus erros e faltas podem fazer supor.

#### *Através do cristal da palavra*

Eduardo Alastrué – já sabemos que era um dos que compartilhavam os colchonetes –, era bom de memória e rápido na taquigrafia. Graças a ele conserva-se o texto quase completo de mais de cinquenta meditações pregadas por São Josemaria naqueles seis meses de 1937 na legação de Honduras. Como já mencionamos, o Padre reunia todos os dias os seus cinco acompanhantes, que depois aumentaram para mais, a fim de fazerem um tempo de meditação. Ele dirigia a reflexão fazendo uma meditação em voz alta, uma meditação em que se fundiam o comentário espiritual e o diálogo direto com Deus.

Transcrevo a seguir trechos de algumas dessas meditações<sup>21</sup>, que bastam por si sós como ilustração do espírito do Pe. Escrivá no tempo da guerra:

– «A revolução – dizia em 24 de agosto – surpreendeu-nos absorvidos no nosso trabalho, preocupados unicamente pelo anseio de servi-Lo [a Deus] ... Se permanecermos

fiéis, não nos preparará o Senhor um porvir fecundo, e mais ainda se tivermos coberto com o adubo dos nossos sofrimentos o terreno onde há de nascer a colheita? ... Assim, crendo e esperando nEle, amando-O com todas as nossas forças, viveremos contentes e cheios de paz, sejam quais forem as circunstâncias que nos rodeiem. Não nos faltará alegria nem no meio da fome, nem sofrendo tantas desconsiderações, nem carecendo de liberdade. Devo confessar que tenho sofrido aqui horivelmente; mas devo dizer também que tenho experimentado alegrias muito profundas neste encerramento... Formulemos para hoje um propósito concreto: não nos enraivecemos por nada, nunca nos aborrecemos, aconteça o que acontecer».

— «Queremos ser duros quando Ele [Cristo] não o é? A sua justiça funde-se com a sua misericórdia e as duas juntas produzem um maravilhoso equilíbrio, cujo dom devemos implorar para nós» (30 de maio).

— «Em vez de nos precipitarmos a julgar o nosso próximo, e talvez a condenar duramente, temos de pensar no que seria de nós se tivéssemos estado no ambiente em que viveu o homem que julgamos; se tivéssemos lido os livros que leu; se tivéssemos sentido as paixões que o dominaram. Esta consideração porá no nosso trato com ele a caridade ... Não nos basta como exemplo o caso de Paulo que, depois de ter sido perseguidor de cristãos, foi exemplo para todos? Compreensão, pois; essa criatura, que talvez no nosso interior desprezamos e condenamos, quem sabe se, uma vez corrigida, purificada, convertida em espiga sã, não produzirá frutos mais saborosos do que nós?» (20 de julho).

— «Dá-me, Senhor, a graça da misericórdia, a graça de que eu também seja misericordioso com os outros. Intransigência comigo mesmo, compreensão com os que me rodeiam. Que não julgue, para não ser julgado» (10 de abril)

— «Estamos nos esforçando para sair daqui e não conseguimos. Fracassaram, um a um, todos os recursos que utilizamos. Como reagiremos? Procuraremos não perder a paz; continuar a empregar, sem dúvida, todos os meios que nos parecerem bem; e esperar em Deus cheios de confiança. Perante esta situação, será que valerá a pena *enraivecer-se*, ou encher-se de impaciência ou de mau humor? Por que? Se tudo isto é para nós mortificação, será que não o merecemos por castigo pelos nossos pecados e fraquezas? Mas Tu, Senhor, não castigas; Tu não sabes senão amar» (24 de agosto).

## O FUGITIVO

Acabamos de ler o que o Padre dizia em uma meditação de fins de agosto: «Estamos nos esforçando para sair daqui e não conseguimos ». Antes de que acabasse, porém, aquele mês de agosto, conseguiu finalmente sair. A “solução” para tanto foi extremamente precária e não se podia arriscar a usá-la por muito tempo: consistia num documento assinado pelo cônsul (um papel «mais falso que Judas», dizia São Josemaria), que o acreditava como “Intendente” daquela legação diplomática.

Iniciou-se, a partir daquele momento, uma epopéia, que o levaria finalmente ao destino desejado: a velha cidade castelhana de Burgos, sede provisória dos nacionalistas, onde a prática da religião era livre e era possível realizar um trabalho de apostolado

(exceto para os padres e leigos que haviam sido aliados dos “vermelhos” e estavam na prisão): poderia, assim, continuar a entregar-se, sem mais demoras, à missão a que Deus o chamara.

Descrever as etapas dessa epopéia constitui uma das partes mais empolgantes da biografia de Josemaria Escrivá, com fortes traços de romance, de poema épico e de filme de suspense, mas foge às finalidades deste livro<sup>22</sup>.

Só para ter uma idéia resumida: o itinerário da fuga incluiu a perigosa saída de Madrid rumo a Barcelona, de onde partiria (depois de reunir junto a si alguns de seus filhos e amigos: Pedro Casciaro, Francisco Botella, Miguel Fisac, Juan Jiménez Vargas, José Maria Albareda, Manuel Sainz de los Terreros e Tomás Alvira) para a tremenda “aventura” – verdadeira jogada de vida ou morte – de atravessar a cordilheira dos Pirineus, fortemente patrulhada pelas tropas republicanas, em pleno inverno (novembro-dezembro de 1937), até atingir, em meio a fadigas e perigos sem conta, o Principado de Andorra, e dali passar à França (com o corpo maltratado, pele e ossos, o calçado roto e uma roupa de todo insuficiente para as neves e gelos por onde andaram).

Após uma breve escala em Lourdes, puderam depois atravessar de novo os Pirineus, agora em paz, para reentrar na Espanha pelo lado nacionalista, e chegar a Pamplona. Pouco tempo depois, em janeiro de 1938, o Pe. Escrivá poderia instalar-se no quarto de um pequeno hotel – o Hotel Sabadell – em Burgos, que seria a base de “operações” de um infatigável trabalho apostólico, que incluía desvelos e viagens sem fim, para atender a todos os que nele haviam achado um amigo e conselheiro.

## **DEPOIS DA TRAVESSIA**

### *Os amigos mortos*

O padre chegou a Pamplona em 17 de dezembro de 1938. Lá, normalizando sua vida sacerdotal, foi recebendo ou confirmando notícias dolorosas sobre padres amigos que haviam sido assassinados. Já antes da guerra, o Pe. Jose Maria Somoano, o primeiro sacerdote que se uniu a São Josemaria no Opus Dei, foi envenenado. Um dos seus amigos mais chegados, o Pe. Pedro Poveda (já canonizado por João Paulo II), fundador da Instituição Teresiana, um instituto feminino que trabalha com educação, foi fuzilado, e outro grande amigo, o Pe. Lino Veá-Murguía, que fora detido em 16 de agosto de 1936, foi abandonado morto, depois de ser assassinado, junto do muro do Cemitério de Leste de Madrid<sup>23</sup>. Fora também massacrado um padre que foi seu padrinho de batismo.

A alguns desses fatos referiu-se mais tarde, respondendo à pergunta de uma mulher que havia sofrido uma cruel perseguição no seu país.

O seu padrinho de batismo, o Pe. Mariano – explicava – «era viúvo e mais tarde tornou-se sacerdote. Foi martirizado quando tinha sessenta e três anos. Eu me chamo Mariano [um dos seus nomes de batismo] por causa dele. E a freirinha que me ensinou as primeiras letras no colégio – que era amiga da minha mãe, antes de se tornar freira – foi

assassinada em Valência. Isso não me horroriza, enche de lágrimas o meu coração... Estão errados. Não souberam amar.

«Lembrei-lhe essas coisas para a consolar, minha filha, não para falar de política, porque eu, de política, não entendo, nem falo, nem falarei enquanto Nosso Senhor me deixar neste mundo, pois não é esse o meu ofício. Mas diga aos seus, da minha parte, que se unam a você e a mim para perdoar»<sup>24</sup>.

Naqueles tempos de guerra e após guerra, quando tantas feridas estavam infeccionadas de rancor, o Pe. Josemaria só falava de perdoar. Sabia que o ressentimento resseca o coração e esteriliza o amor.

Neste mesmo sentido, parece-me oportuno citar mais um fato significativo.

Numa das suas viagens, em abril de 1938, o Pe. Josemaria encontrou no trem um oficial dominado por sentimentos rancorosos. Em carta a seu filhos de Burgos, escrita de Córdoba, o Padre contava-lhes: «Um alferes [um subtenente], que sofreu extraordinariamente na sua família e nos seus haveres com a perseguição dos vermelhos, anuncia-me as suas próximas vinganças. Digo-lhe que sofri como ele, nos meus e nos meus haveres, mas que desejo que os vermelhos vivam e se convertam. As palavras cristãs chocam-se, na sua alma nobre, com aqueles sentimentos de violência, e vê-se que reage bem... »<sup>25</sup>.

### *O periscópio e a risada*

Ainda em plena guerra, no dia 7 de junho de 1938, o Pe. Josemaria teve a oportunidade de ir até a linha da frente de guerra em Madrid, então estabilizada. Um dos primeiros membros do Opus Dei, o arquiteto Ricardo Fernández Vallespín, ficara ferido quando, num serviço de destruição de granadas defeituosas, explodiu uma muito perto dele. Internado num hospital de campanha, conseguiu enviar um telegrama ao Padre, comunicando-lhe o acidente.

Logo que foi possível, o padre foi visitá-lo e passou uma noite no posto de comando de uma bateria em Carabanchel Alto. Outro oficial levou-o ao observatório instalado na antiga Escola de Automobilismo de Carabanchel. De lá, contemplou pelo periscópio da bateria a casa da rua Ferraz, 16 (como já mencionamos, a sede do centro do Opus Dei em Madrid), e viu-a quase que completamente destruída. Ao enxergar as ruínas, caiu na gargalhada. Um oficial, que não entendia o por que daquela risada, perguntou-lhe pelo motivo. Com a sua grande fé na Providência divina, respondeu-lhe calmamente: «porque estou vendo agora o pouco que sobrou da minha casa»<sup>26</sup>.

Ver reduzida a entulho alguma coisa que custou muito e que, além disso, é a única que se possui, não costuma provocar riso a ninguém. São Josemaria riu porque esperava em Deus e confiava no futuro. Não se lembrou de falar mal dos “inimigos”. Ele não tinha espinhos dentro do coração.

### *Uma história de ressentimento*

Em fins de junho de 1938, ainda em plena guerra, Pedro Casciaro, andando pelas ruas de Burgos, deparou inesperadamente com uma senhora, que ao vê-lo reagiu olhando-o com hostilidade, fuzilando-o com raiva, como se visse o diabo.

Instantes depois, Pedro reconheceu nela a esposa de um funcionário da Fazenda, Jorge Bermúdez, que antes da guerra morava na mesma cidade que ele, Albacete, e residia numa casa quase fronteira à casa de sua família. Tinha fama de ser homem de extrema direita.

Perplexo, tentou vasculhar na memória algum motivo para aquela reação, sem achá-lo. E eis que, chegando ao lugar onde morava o Padre – o Hotel Sabadell –, este comunicou-lhe que acabava de saber que Pedro tinha sido denunciado como inimigo do regime pelo Sr. Bermúdez. Era uma denúncia que poderia trazer gravíssimas consequências (de fato, acusara Pedro de comunista, filho de um esquerdista ao qual atribuía crimes que não cometera, e espião infiltrado no quartel do general Orgaz, motivos suficientes para fuzilamento ou encarceramento prolongado). O Padre aconselhou-o, então, a visitar a esposa desse senhor, procurando esclarecer amavelmente o equívoco e pedindo-lhe que convencesse o marido a retirar a denúncia.

«A visita – conta o próprio Pedro – foi contraproducente. Entre outras coisas, a mulher disse que não era justo que, enquanto o filho dela estava arriscando a vida na frente de batalha, eu estivesse tranquilamente na retaguarda “fazendo espionagem para os vermelhos”». Fechou-se totalmente.

São Josemaria decidiu, então, tomar a iniciativa, e apresentou-se na repartição do ministério da Fazenda onde trabalhava o Sr. Bermúdez,. Foi uma entrevista extremamente tensa. O Sr. Jorge esteve frio e insolente. O Padre defendeu Pedro com carinho paterno, apresentando-se como testemunha confiável, pois o conhecia desde havia anos. Tentou fazer-lhe compreender a injustiça que estava para cometer, e manteve em todo momento a serenidade mais absoluta.... Mas, nem as súplicas do Padre, cheias de caridade, nem as palavras cheias de fortaleza apelando para a justiça, conseguiram abrandar naquele momento o coração daquele pobre senhor, que repetia obstinadamente que, se não podiam prender o pai, o filho devia pagar por ele:

– «Tanto o pai como o filho vão pagar!».

O Pe. Josemaria saiu entristecido da repartição e só quebrou o silêncio para dizer inesperadamente, como que movido por uma inexplicável inspiração: «Amanhã ou depois de amanhã, enterro».

Foi impressionante, mas o fato é que poucas horas depois chegou-lhe a notícia de que Bermúdez falecera repentinamente no seu escritório.

Pedro comenta: «A triste notícia causou-me um impacto tremendo; senti-me tão mal que tive que me deitar na cama. O Padre o tempo todo ia me serenando e me disse, baixinho, que estivesse tranquilo em relação àquele senhor, porque ele estava moralmente certo de que Deus Nosso Senhor se tinha apiedado da sua alma e lhe havia concedido o

arrependimento final; e acrescentou que, desde que saíra da repartição, não tinha deixado de rezar nem um momento, tanto por ele com pelos filhos dele. Desde aquele dia, eu tenho rezado sempre, até hoje, pela alma dele e por toda a sua família. Tenho a certeza de que, pela misericórdia divina e pela oração do Padre, goza da Glória de Deus; e de que Nosso Senhor terá premiado todas as suas obras boas, e terá perdoado, sem dúvida, aqueles momentos de ofuscação, tão compreensíveis no clima turbulento da guerra»<sup>27</sup>.

Mais uma vez o Padre estimulava a pensar bem daquele que tinha querido fazer o mal. Rezava e pedia que se rezasse por ele. O porquê dessa atitude está expresso em poucas palavras num dos cadernos de seus *Apontamentos íntimos*, onde em 30 de dezembro de 1933 anotara: «Se és tão miserável, como estranhas que os outros tenham misérias?»<sup>28</sup>.

De fato, o homem que se sente pecador e carecido de perdão, tem, por isso mesmo, a alma aberta à compreensão das fraquezas dos demais. A humildade pessoal é o adubo da compreensão. São Josemaria nunca se escandalizava de ninguém. «De acordo: essa pessoa tem sido má contigo – escrevia –. Mas não tens sido tu pior com Deus?»<sup>29</sup>. Daí que também concluiu: «Se o Senhor, apesar da minha miséria pessoal, que é tanta, me trata com confiança, do mesmo modo devo eu proceder com todas as almas... »<sup>30</sup>. Não é esse o ensinamento de Cristo? *Se vós perdoardes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos céus também vos perdoará*<sup>31</sup>

## PERDÃO EM TOM MENOR: A PACIÊNCIA

Estivemos considerando o perdão do Pe. Josemaria Escrivá em horas dramáticas e situações cruciantes. Será bom fazer agora um breve intervalo para contemplar, com um sorriso nos lábios, como é o perdão familiar entre pessoas que se querem bem, mas que não deixam de ter seus maus momentos. Sem sairmos de Burgos, podemos focalizar três episódios<sup>32</sup>, nos quais se fundem o carinho, o estouvamento juvenil e uma audácia um tanto excessiva.

Local: o Hotel Sabadell. Protagonistas: Pedro Casciaro e seu colega de estudos de matemática e de vida no Opus Dei Francisco Botella (Paco). Ambos compartilharam com o Padre a epopéia dos Pirineus, e foram os que mais tempo conviveram com ele, juntamente com José Maria Albareda, naquele hotelzinho de Burgos.

*De como uma batina foi rasgada*

Após a passagem dos Pirineus, o Padre e os seus filhos que o acompanhavam não tinham nem um tostão. Quer dizer, tinham o justo para pagar apertadamente o aluguel e o mínimo de subsistência.



Isto fazia com que o Padre, que se tinha proposto levar a sério a pobreza evangélica, se recusasse a fazer despesas em coisas pessoais, ainda que outros as julgassem necessárias.

Nesse contexto inscreve-se o braço de ferro de Pedro e Paco relativo à única batina que o Padre tinha na altura. Batina velha que lhe fora emprestada em Pamplona, mal acabava de atravessar os Pirineus. A pobre batina andava em petição de miséria, desbotada, rasgada em vários pontos e cheia de costuras e cerzidos. Pedro e Paco não se cansavam de pedir ao Padre que fizesse uma batina nova. O Padre julgava que não, e continuava a usar a mesma.

Um dia em que o São Josemaria deixara a batina, por uns instantes, em cima da cama, a dupla resolveu agir. «Paco e eu – conta Pedro Casciaro – rasgamos a batina pela parte das costas, que já estava bem puída. Não previmos o resultado. Quando o Padre se apercebeu, não disse uma única palavra. A nossa pena foi que, ao voltarmos do Quartel, o achamos ainda atarefado, recosendo pacientemente a batina. O nosso fracasso foi rotundo. O Padre continuou a usar a batina, com a circunstância agravante de que, como a nova costura não ficou bem, teve que sair à rua a partir de então com o sobretudo por cima. Estávamos na época mais quente do verão em Burgos.

«Estou certo, no entanto, de que no fundo o Padre agradecia as nossas *atuações*. Compreendia muito bem a mentalidade e o modo de ser da gente jovem. Paco e eu éramos muito jovens. Quando nos via rir por qualquer bobagem, comentava: “Como vocês são felizes!”» Pedro comentaria que era uma maneira carinhosa de dizer que, às vezes, os dois eram meio inconscientes, e pareciam estar no mundo da lua.

### *De como um copo se estilhaça*

Da mesma forma que São Josemaria sentia a necessidade de praticar seriamente o desprendimento evangélico, também experimentava na alma a necessidade de ser penitente, como o foram todos os santos, a fim de obter de Deus as graças necessárias para se manter fiel à sua vocação e recomeçar eficazmente o trabalho do Opus Dei.

Fazia jejuns rigorosos, que deixavam aflitos os que moravam com ele em Burgos. Por exemplo, dizia que já tinha almoçado, e eles depois descobriam que apenas comprara uns amendoins para ir enganando a fome. A mesma coisa acontecia com a água. Era frequente que, por penitência, só bebesse a pequena quantidade de água que é usada no final da Missa para “purificar” (limpar o cálice), para as chamadas “abluções”.

Este foi o motivo de um interessante episódio, contado também por Pedro: «Durante bastante tempo, os três que convivíamos com o Padre não o víamos tomar água. Paco passava-me o “relatório”: “Hoje também não bebeu água”. Dava para notar que o Padre, ao falar, tinha a boca e a garganta completamente secas. Uma noite, enchi de água um copo e o pus bem na frente dele, com ar de quem manda beber. Disse-me que estava extrapolando, ultrapassando os limites. Sem conseguir conter o meu gênio, respondi-lhe:

“Ou bebe ou joga o copo no chão”. E como ele não cedeu, abri os dedos da mão e o copo se espatifou no chão do nosso quarto. –“Raivoso”, disse-me o Padre, imitando com bom humor o meu modo peculiar de falar».

«A cena terminou, naturalmente, pedindo-lhe perdão e recolhendo juntamente com Paco a água e os cacos. Antes de me deitar, o Padre me recomendou: – “Tome cuidado e não ande descalço, não seja que tenha ficado algum pequeno caco de vidro no chão e você se machuque”»

Pedro, decorrido bastante tempo, evocaria, com graça, essa carinhosa paciência do Padre: «Anos mais tarde, ouvi-o suspirando de vez em quando:

– “Coitado desse senhor, coitado dele!”

– “A que senhor se refere, Padre? perguntei-lhe um dia, intrigado”

– “A quem você acha?”, respondeu-me divertido, com aquele carinho e aquela graça características dele: “a teu pai, que deve ter sido um santo para te aguentar, e que agora me deixou o trabalho de descascar o abacaxi”».

*De como nada sobrou do chocolate com “churros”*

Os que conviviam em Burgos com o Padre, viam-no receber muitas pessoas, jovens ou gente madura, leigos e sacerdotes, que iam procurar nele conselho e orientação espiritual. Costumava recebê-los em uma varanda envidraçada, que se isolava do resto do quarto por meio de uma cortina. Como a varanda era a única fonte de luz natural para aquele quarto, cada vez que a cortina se fechava, Paco e Pedro se diziam: «Boa noite».

Apesar da falta de dinheiro e da necessidade imperiosa de poupar, o Padre procurava ter sempre algum detalhe com as visitas. «Lembro-me – conta também Pedro no seu livro de recordações – de um episódio muito significativo. Certa vez tinha convidado para tomar o café da manhã conosco um rapaz, e preparamos chocolate pastoso com “churros”. Quando o moço foi embora comentamos ao Padre que seu convidado tinha demonstrado verdadeiramente ter um bom apetite: fora engolindo, uma após outra, várias xícaras de chocolate e várias rações de “churros”. Deixou os outros a ver navios.

«O Padre desculpou-o, como sempre, com caridade e bom humor. Disse-nos que o que acontecera foi que o rapaz não sabia calcular: acabavam os “churros” quando ainda sobrava chocolate, e acabava o chocolate quando ainda ficavam “churros”... Este comentário é outro exemplo da delicadeza da sua caridade: sabia dar sempre uma interpretação positiva a qualquer comentário que pudesse ser crítico; mesmo que fosse de brincadeira ou sobre alguma coisa intranscendente, como foi o caso».

### **TERCEIRA PARTE: PERDÃO EM TEMPOS DE PAZ**

## “FOGO AMIGO”

Vamos iniciar um novo capítulo sobre o espírito de perdão de Josemaria Escrivá. Como é sabido, nas guerras lida-se habitualmente com o “fogo inimigo”. Mas, vez por outra, tem que se lidar com o chamado “fogo amigo”, ou seja, com eventuais ataques desfechados por engano pelos próprios companheiros de armas.

Nas vidas dos santos, quase nunca tem faltado esse “fogo amigo”: a incompreensão e até a perseguição procedentes de irmãos na fé. A história nos conta que esse fogo amigo atingiu dolorosamente São João Crisóstomo (combatido, entre outros, por um São Jerônimo, muito mal informado pelo bispo Teófilo de Alexandria), São Francisco de Assis (renegado por seu próprio pai), Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz (que tiveram praticamente toda a Ordem carmelitana contra eles), Santo Inácio de Loyola (vítima de invejas e calúnias abjetas), São Pio de Pietrelcina (denegrido por um ilustre confrade e pelo bispo do lugar), e a santa Madre Paulina, do Brasil (destituída de cargos e reduzida ao silêncio num convento interiorano pelo bom D. Duarte Leopoldo e Silva, vítima, ele próprio, de mexericos infundados).

Esse “fogo amigo”, a diferença do “fogo” das guerras, não errava o alvo. Visava-o consciente e deliberadamente. Mas padecia, de um “engano”: os detratores atacavam obcecados – pelo menos por algum tempo – por uma interpretação errônea dos fatos e das intenções daquele a quem combatiam.

Fogo amigo não faltou a São Josemaria Escrivá. Foi um novo desafio. Mas essa contrariedade propiciou um longo exercício de perdão que, nessas prolongadas perseguições, depurou-se até atingir um grau heróico. É o que procuraremos focalizar a seguir.

## CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

Antes de entrar, porém, na reflexão sobre esse novo desafio, parece-me necessário situarmo-nos historicamente – ainda que seja de um modo sumário – nas circunstâncias em que surgiram esses malentendidos sobre o Pe. Josemaria e sobre o Opus Dei. Concretamente, penso que podem ajudar as seguintes considerações.

### *O clima de reconstrução católica*

Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que acabava de se encerrar uma guerra brutal, que abalara o país por três anos (só em abril de 1939 foi declarada oficialmente a paz). Nela, como já vimos, os católicos, especialmente os clérigos e religiosos, estiveram perseguidos, viveram numa constante tensão de vida ou morte, viram suas igrejas profanadas e incendiadas, seus colégios transformados em hospitais ou quartéis... Era natural, por isso, que, ao restaurar-se a vida religiosa na Espanha, alguns sentissem, ao lado da euforia e o fervor, uma especial sensibilidade para com tudo quanto julgassem – acertada ou erradamente – que era contrário à fé católica e à unidade da Igreja.

Simultaneamente, naquele tempo de reconstrução fervorosa, era explicável que, sem haver muita consciência disso, existisse algum clima de competição, e surgissem rivalidades e ciúmes mesmo entre irmãos. Todos sabemos o quanto o ciúme pode desorientar mesmo pessoas muito boas.

### *Situação do Opus Dei quando o “fogo amigo” começou*<sup>1</sup>

O Madrid republicano rendeu-se ao exército nacionalista em 28 de março de 1939. Imediatamente depois, São Josemaria apressou-se a regressar à capital, ansioso por rever sua mãe e irmãos e diversos membros do Opus Dei e amigos que lá se encontravam. Também estava ali o pouco que restava da Residência de estudantes da Rua Ferraz, 16.

O Pe. Josemaria, usando a batina, embarcou num caminhão de abastecimento, e foi dos primeiros a entrar em Madrid no dia 29 de março de manhã. Após abraçar a família e as pessoas mais chegadas, foi à Rua Ferraz, 16. Só havia paredes semiderruídas e um montão de ruínas.

Quando, pouco depois, em 21 de abril lá voltou com alguns outros para ver se podiam recuperar alguma coisa dentre os escombros, só encontraram – muito significativamente – um papel que imitava pergaminho e que, emoldurado e pendurado antes da guerra na sala de estudos, continha, como mensagem para os estudantes, o texto latino do “mandamento novo” de Cristo: «Ami-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado. Assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois os meus discípulos, se vos amardes uns aos outros»<sup>2</sup>.

Era preciso, pois, recomeçar quase de zero. Por isso, iniciou-se logo a procura de uma nova casa para substituir a destruída. Finalmente, em 1º de julho desse ano de 1940 conseguiu-se alugar dois apartamentos de um prédio situado na Rua Jenner, n. 6. Dois meses depois, em setembro, em meio à alegria geral do Padre e de seus filhos e amigos, inaugurou-se o oratório da nova residência de estudantes.

Um detalhe desse oratório – de que depois voltarei a falar, por razões muito concretas – era um friso de madeira, colocado rente ao teto, que os estudantes decoraram com duas frases latinas: uma dos Atos dos Apóstolos: «*Erant perseverantes in doctrina Apostolorum, et communicatione fractionis panis, et orationibus*: Perseveravam [os primeiros cristãos] na doutrina dos Apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações»<sup>3</sup>; e outra de um antigo hino eucarístico (“*Ubi caritas*”): «*Congregavit nos in unum Christi amor*: O amor de Cristo reuniu-nos na unidade ».

Nos espaços entre as palavras, os jovens “artistas” pintaram símbolos clássicos da arte cristã, alguns deles já usados desde a época das catacumbas: cruces, um cesto com pães e videiras (símbolos eucarísticos), e a pomba (símbolo evangélico do Espírito Santo).

Lá, no aconchego daquele pequeno oratório, São Josemaria tornou a celebrar Missas e retomou a sua pregação aos estudantes, interrompida ao fechar-se a residência da rua Ferraz. O oratório também era usado pelos rapazes para fazerem lá, se o desejavam, um

tempo de oração, ou de adoração ao Santíssimo Sacramento... As portas da residência estavam abertas a todos, sem discriminações: ali se estudava, faziam-se reuniões de trabalho, “tertúlias” culturais ou musicais, redigiam-se teses de doutorado, etc.

De repente, porém, a paz daquela casa foi quebrada. Sem que ninguém o esperasse, alguns transformaram a residência de estudantes num alvo de calúnias e perseguições. Não tenho mais remédio que falar dessa tormenta desagradável, para continuar a focalizar o tema do perdão.

## **OS PRIMEIROS ESPINHOS**

Foi em 1940 quando estourou em Madrid a que São Josemaria chamaria “a contradição dos bons”. Logo depois espalhou-se pela Espanha, chegou a Roma e percorreu o mundo.

Como acabamos de dizer, em inícios de julho de 1939 tinha começado uma nova residência de estudantes em Madrid, na Rua Jenner, n. 6.

O ambiente estudantil transbordava de alegria. Lá se convivia fraternalmente, muitos iam à residência estudar ou assistir a atividades de formação cristã, lá os rapazes programavam iniciativas de apostolado e de assistência aos necessitados, e muitos buscavam o aconselhamento do Pe. Josemaria.

Nem bem tinham decorrido seis meses, quando os mexericos mais extravagantes começaram a circular por Madrid<sup>4</sup>.

Correu, por exemplo, a voz de que o oratório dessa residência estava cheio de “sinais cabalísticos” e hieroglíficos (assim se referiam aos símbolos cristãos do friso de madeira de que acima falamos). Como havia junto do oratório uma simples cruz de madeira, sem a figura do crucificado, imaginavam que isso dava para desconfiar de que lá se penduravam alguns e Deus sabe que outros disparates faziam... Sussurrava-se à boca pequena que o Pe. Josemaria hipnotizava os residentes e, mediante jogos de luzes, simulava levitação. Por sinal que, ao saber disso, São Josemaria gracejou com um rapaz que veio visitá-lo, dizendo-lhe: «Vem cá, que te vou hipnotizar!». E, a propósito da “levitação”, também brincou com seu peso, que o diabetes incipiente tinha aumentado notavelmente, dizendo: «Seria um milagre de primeira classe, se me levantasse do chão um palmo sequer»<sup>5</sup>.

Do Padre, alguns chegaram a comentar que era o anticristo, e que os 999 pensamentos do conhecido livro “Caminho” (considerado um clássico de espiritualidade cristã) não significavam senão o número invertido da besta do Apocalipse: 666.

Muito cedo viu-se, porém, que não se tratava de simples “mexericos de estudantes”. Aquelas fantasias eram a ponta de um iceberg. Não demorou que chegassem aos ouvidos

do fundador calúnias e murmurações contra a sua pessoa de maior calibre: homens maduros e responsáveis referiam-se à obra que ele iniciava como a uma seita herética clandestina (acusação bem grave na Espanha “oficialmente católica” do após guerra), e que, além disso, tinha cunho maçônico (pense-se que a ditadura franquista criara um Tribunal de Repressão da Maçonaria), de modo que, enfim, seria condenada pela Igreja e pelo Estado.

De fato, meses mais tarde foi apresentada denúncia neste sentido ao citado Tribunal de Repressão da Maçonaria, acusando o Opus Dei (seria coisa de rir, se não fosse lamentável) de ser “um ramo judaico dos maçons” ou “uma seita judaica em relação com os maçons”. Feito o inquérito, contudo, os juízes aperceberam-se do caráter grotesco da acusação – visitaram inclusive o oratório de Jenner – e decidiram pela absolvição<sup>6</sup>.

## DE ONDE VINHAM OS ATAQUES

### *Uma constatação*

Fez-se, porém, uma constatação dolorosa. Os frequentadores de Jenner, que nos primeiros meses de 1940 foram espalhando os mexericos, tinham um denominador comum: eram alguns dos membros de uma Congregação mariana de estudantes<sup>7</sup>. Nenhum historiador da Igreja ignora o bem que as Congregações marianas têm feito ao longo de séculos e continuam a fazer em muitos países. No entanto, naquele momento confuso, foi dali que partiu a forte contradição.

Logo se pôde comprovar sem sombra de dúvida que aquela perseguição estava sendo promovida e sustentada por um religioso de 35 anos<sup>8</sup>, que naqueles momentos era o Diretor da Confederação Espanhola das Congregações Marianas. Fora ele quem enviara seis ou sete rapazes para observarem o que acontecia na residência de Jenner e informá-lo de tudo o que ali pudesse ser suspeito de heresia.

### *A reação do padre Josemaria Escrivá*

O Pe. Josemaria sofreu muito com essa campanha, sobretudo porque amava especialmente os seus irmãos sacerdotes e os religiosos, e doía-lhe que fosse um padre quem orquestrasse a agressão. Coincidentemente, naqueles anos pregou retiros espirituais para sacerdotes e seminaristas em um grande número de dioceses espanholas, a pedido dos respectivos bispos.

Foi pedir conselho ao seu confessor, que naquela época era o pe. Valentín Sánchez Ruiz, S.J. O confessor aconselhou-o a conversar diretamente com o Diretor da Congregação, também jesuíta, de maneira franca e fraterna. Assim o fez. Teve uma entrevista com ele, e explicou-lhe com detalhe o trabalho que se fazia na residência de Jenner, ao mesmo tempo em que lhe sugeria, como prova de boa vontade, uma espécie de pacto amigável: comprometer-se-iam ambos a comunicar um ao outro, lealmente, qualquer crítica pejorativa de que tivessem conhecimento, quer contra o Opus Dei, quer contra as Congregações marianas. O Diretor concordou.

Em 14 de novembro de 1940, o Pe. Josemaria encontrou-o por acaso à porta de um edifício público. Como consta de seus *Apontamentos íntimos*, estendeu-lhe logo a mão, sem rancor, como ele mesmo diz, e com uma caridade e gentileza nada forçadas.

– «Muito prazer em vê-lo, padre – disse-lhe Escrivá. Deus o abençoe! Lembra-se de que fizemos um meio pacto?».

O outro, porém, alegou pressa, abreviou o diálogo e despediu-se logo.

No dia seguinte, o Pe. Josemaria escrevia nos seus Apontamentos:

«Dia 15 de novembro, Madrid: [...] Esta tarde, invadiu-me uma alegria interior enorme por esta tribulação. E sinto [...] simpatia e até carinho pelo religioso promotor da balbúrdia. Além disso, acho que esse senhor é muito simpático e, com certeza, pessoa muito boa. Que Deus o abençoe e o faça prosperar!»<sup>9</sup>

#### *Sempre em busca da conciliação fraterna*

Apesar de que aquele religioso, sem perceber o tamanho do seu engano, continuava a promover por toda a parte a mesma campanha, o Pe. Escrivá nunca desistiu de confiar em sua boa vontade e de tentar esclarecer-lhe quais eram os fins e os meios espirituais do Opus Dei.

Um testemunho valioso dessa ânsia de paz e concórdia é uma carta de que transcrevo a seguir uns trechos:

«Madrid, 20 de maio de 1941.

«Muito estimado no Senhor: Envio-lhe estas linhas, cheias de cordialidade e sincero afeto, para informá-lo de que atribuem ao senhor de modo unânime uma campanha de difamação contra este irmão que lhe escreve e contra os seus pobres trabalhos sacerdotais, aprovados pela Santa Igreja [...].

«Asseveram-me, por vias muito diversas, que o senhor não desistirá enquanto não vir o Opus Dei destruído [...]. Estou certo de que se fará a luz e de que haveremos de ser muito bons amigos: eu não sinto pelo senhor senão uma fraternal simpatia e o esquecimento de tudo o que possa perturbar esse afeto.

«Entretanto, saiba que nunca sairá da nossa boca nem um palavra contra aqueles que tão assanhadamente nos perseguem; e, com a graça de Deus, sempre estaremos dispostos a sofrer cheios de alegria quanto for preciso, por Jesus Cristo e pelo serviço da nossa mãe, a Santa Igreja (pois essa é a nossa vocação).

«Do seu irmão em Cristo e servidor que beija a sua mão. J.M. Escrivá, Pbro.<sup>10</sup> ».

#### *O mesmo espírito até à morte*

Desde 1947, São Josemaria já residia estavelmente em Roma, onde seria instalada a sede central do Opus Dei. Entre 1947 e 1950, o Opus Dei recebeu todas as aprovações

pontifícias, com o estímulo e a bênção de Pio XII, como instituição de direito pontifício de âmbito universal. Eu penso que, sem ofensa de Deus, podia sentir-se liberado de qualquer novo intento de conciliação com aquele religioso, e deixar o passado enterrado. As velhas campanhas iam ficando (temporariamente) para trás.

No entanto, conservam-se algumas cartas cruzadas entre ambos os padres. Numa delas, de 3 de junho de 1950, em uma temporada em que esse religioso se encontrava em Londres (também ele tinha passado a residir em Roma desde 1948), lemos as seguintes palavras de Mons. Escrivá:

« Quando regressar a Roma, espero que nos possamos ver com vagar e com frequência [...]. Com sincero afeto, abraça-o e pede-lhe orações para o Opus Dei e para este pecador, seu affmo. a. in Domino»<sup>11</sup>.

Infelizmente, pouco depois, em 1951, deu-se um fato lastimável. Aquele religioso saiu da Companhia de Jesus, largou o sacerdócio e abandonou a fé católica.

Encarnación Ortega, que na época era a diretora do trabalho das mulheres do Opus Dei, estava presente no momento em que o Pe. Josemaria soube dessa defecção, e prestou o seguinte depoimento: «Presenciei o momento em que lhe deram a notícia de que o Pe. Carrillo havia abandonado a Companhia de Jesus. O Padre doeu-se profundamente. O Pe. Salvador Canals lembrou-lhe que se tratava da pessoa que tinha organizado uma forte calúnia contra o Opus Dei. O Padre cortou-lhe a palavra: “Mas é uma alma, meu filho, uma alma!”. E esteve triste durante algum tempo, sem dúvida rezando»<sup>12</sup>.

Posteriormente, o Padre – sabendo que Carrillo estava gravemente doente – fez o possível para que um sacerdote tratasse de atendê-lo e procurasse ajudá-lo a se reconciliar com a Igreja e a morrer em paz com Deus.

Com o espírito aberto à compreensão e à desculpa, continuava a viver o que – como lembrávamos acima – ensinou sempre: «Não admitas um mau pensamento de ninguém, mesmo que as palavras ou obras do interessado dêem motivo para pensar assim razoavelmente»<sup>13</sup>. Mais uma vez, a sua atitude em face desse religioso, era eco do espírito de Cristo, que São Josemaria se esforçava em praticar: *Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados*<sup>14</sup>.

## **BARCELONA: “NOVA TEMPESTADE”**

### *Também em Barcelona*

«Em 1941 – escreve Salvador Bernal, primeiro biógrafo de Josemaria Escrivá –, a contradição tornou-se particularmente aguda em Barcelona. Um punhado de rapazes frequentava o *Palau*, um pequeno apartamento na rua Balmes, perto da de Aragão, alugado por Alfons Balcells que, embora não pertencesse à Obra, se ofereceu para assinar o contrato por ser o único da turma que tinha o curso [medicina] terminado.



«Apesar de que naquela época não deveriam passar de meia dúzia os que tinham solicitado sua admissão no Opus Dei em Barcelona – todos ainda estudantes –, armou-se um grande escarcéu contra a Obra»<sup>15</sup>.

Inicialmente houve em Barcelona um grande paralelismo com aqueles primeiros mexericos estudantis de Madrid. Por exemplo, no minúsculo apartamento da rua Balmes havia, como em Jenner e em todas as sedes dos centros do Opus Dei, uma cruz de madeira lisa. Tanto o Bispo de Madrid como, depois, o Papa Pio XII concederam indulgências a quem beijasse essa cruz de pau ou rezasse diante dela.

É uma cruz que tem, no Opus Dei, um belo simbolismo, expresso pelo fundador no n. 326 do livro “Caminho”: «Quando vires uma pobre Cruz de madeira, só, desprezível e sem valor... e sem Crucificado, não esqueças que essa Cruz é a tua Cruz, a de cada dia, a escondida, sem brilho e sem consolação..., que está esperando o Crucificado que lhe falta. E esse Crucificado tens de ser tu». A vida diária, os sacrifícios e trabalhos cotidianos, obscuros, sem brilho especial, sem compensações, podem ser um caminho de santidade grande, quando vividos por amor a Deus e ao próximo.

Pois bem, difundiu-se – à semelhança do acontecido em Madrid – o boato de que os rapazes se crucificavam por turnos nessa pobre cruz, numa espécie de rito sangrento. Às vezes, as falsidades mais estarrecedoras são as que se engolem com mais facilidade. Para evitar o dano que poderia produzir essa calúnia, o Pe. Josemaria mandou substituir aquela cruz por outra de tamanho minúsculo: «Assim não poderão dizer que nos crucificamos – brincou – porque não cabemos»<sup>16</sup>.

### *Equívocos parecidos*

Uma das apreensões que tinham determinados padres e frades (“religiosos”, na terminologia católica), enganados por falatórios a respeito do Opus Dei, era a de que, difundindo-se a idéia de que os leigos podiam alcançar a santidade no mundo, através do trabalho e dos deveres cotidianos, os membros das ordens e congregações religiosas, que se apartam da vida do mundo nos mosteiros e conventos, iriam perder vocações<sup>17</sup>.

Alguns achavam até que a doutrina pregada por São Josemaria sobre a “chamada universal à santidade” (que depois a Igreja, no Concílio Vaticano II, iria proclamar como doutrina católica fundamental<sup>18</sup>), além de provocar uma diminuição das vocações “religiosas”, era uma heresia. É preciso ter em conta que, na época, era habitual ensinar que, para procurar a santidade, seria imprescindível renunciar ao mundo e entrar num seminário ou num convento.

Uma amostra eloquente desse modo de pensar é o acontecido com a mãe de um estudante de Direito, membro da Obra, o valenciano Amadeo de Fuenmayor (futuro catedrático de Direito Civil e, depois, sacerdote, canonista e catedrático de Direito eclesiástico).

Relata o próprio Amadeo que, numa ocasião em que sua mãe foi Barcelona para se encontrar com uma das filhas que residia lá, «foi visitada por um padre que não conhecia

de nada, perguntando-lhe se era minha mãe, para adverti-la de que seu filho estava “em perigo de condenação”. Disse-lhe também que podia e devia dissuadir-me do caminho que eu havia empreendido». Uma das principais razões que esse padre aduziu foi que «aos do Opus Dei os trazem alucinados, porque lhes fazem acreditar que se pode ser santo no meio do mundo»<sup>19</sup>.

## ALGUNS FATOS E AS SUAS REPERCUSSÕES

### *Inicialmente, expulsões*

Alfons Balcells, médico recém formado, que pertencia à Congregação mariana de Barcelona (e que depois foi catedrático de Patologia clínica e Reitor da Universidade de Salamanca), conta o seguinte episódio no seu livro “Memoria ingenua”: «Um domingo em que assistia ao ato semanal da Congregação, fui chamado pelo Padre Diretor, que era o Pe. Vergés, SJ, e sem quaisquer preâmbulos disse-me que “estava expulso da Congregação”. Fiquei surpreso, sem perceber o motivo, e ao perguntar: – “Mas, padre, por quê...?”, indicou-me a porta e unicamente acrescentou: “Você está expulso da Congregação porque é um traidor e um Judas”»<sup>20</sup>.

Conta também Balcells que o mesmo padre procedeu a outras expulsões de congregados que frequentavam o pequeno centro do Opus Dei, o *Palau*. Ao fazer isso, julgava cumprir um dever moral (era conhecido como um homem enérgico e autoritário, mas bom e reto), e, à semelhança do que acontecera em Madrid, atuava seguindo as “denúncias” de alguns rapazes postados, por indicação sua, num bar da Rua Balmes, bem em frente ao *Palau*.

O dado curioso é que Alfons Balcells, tão drasticamente expulso, não pertencia ao Opus Dei, e inclusive frequentava só muito de vez em quando o citado apartamento. Apenas ficara em evidência porque, como já foi dito, ofereceu seu nome para alugar o apartamento, uma vez que era o único formado na faculdade.

Envolvido desde o começo por informações procedentes de Madrid, Vergés teve de início uma imagem deturpada e alarmante do Opus Dei, dando por assente que era um “perigo” para a Igreja e para as Congregações marianas.

Entendo, por isso, que Balcells, ao evocar mais tarde, compreensivo, os duros eventos daqueles dias, escreva: «O pe. Vergés teve simplesmente um mau momento, uns dias maus. Pode acontecer a qualquer um. Agiu com boa intenção baseando-se em informações de pessoas que até então tinham merecido sua confiança. O fato é que depois retificou; isso é o que importa [...]. No entanto, a sua enérgica atuação daqueles dias foi, possivelmente apesar dele, o estopim de uma fortíssima tempestade, um verdadeiro dilúvio que durou anos»<sup>21</sup>.

### *Desencadeia-se o dilúvio*

Não é o caso de esmiuçar aqui a sequência completa dos episódios desse forte “dilúvio”. Bastará indicar apenas alguns detalhes, que deixam transparecer o espírito de perdão de São Josemaria e de seus filhos.

Para aqueles seis ou sete rapazes, não foi fácil permanecer serenos e desculpar uma e outra vez. O clima era de terrorismo moral – «linchamento moral» do fundador, chama-o Balcells<sup>22</sup> –, que os tornava objeto de escândalo, de horror e de injúrias em muitos ambientes católicos e – o que era mais doído – que repercutia em dolorosas incompreensões no âmbito das próprias famílias.

Laureano López Rodó, um daqueles poucos rapazes do Opus Dei, evoca o dia em que um sacerdote amigo do Pe. Escrivá, o Pe. Pascual Galindo, insistiu em que os moços ligados à Obra assistissem no dia seguinte à Missa que ele celebraria num colégio de freiras. «A Superiora e uma outra freira ali presentes ficaram muito “edificadas” e convidaram-nos para o café da manhã com o Pe. Pascual Galindo. No meio do desjejum, o Pe. Pascual disse à Superiora: “Estes são os hereges por cuja conversão a senhora me pediu para oferecer a Missa”. A coitada da freira quase desmaia: tinham-na feito acreditar que éramos uma legião numerosíssima de verdadeiros hereges e viu que éramos uns poucos estudantes normais e comuns, que assistíamos à Missa com devoção e comungávamos»<sup>23</sup>.

#### *Intervém o governador e a polícia*

Agravou-se a perseguição quando o mesmo padre dirigente da Congregação, que gozava de grande prestígio na cidade, encaminhou uma denúncia contra a Obra e seu fundador ao governador civil de Barcelona. Estava-se nos começos da ditadura, época em que eram quase imperceptíveis os limites entre religião e política. Isso fazia que qualquer grupo denunciado como seita herética ou maçônica, condenada por elementos de destaque do clero, fosse vista como altamente perigosa para a nova ordem social, como uma questão de segurança nacional. Não deve estranhar, por isso, que o governador Antonio Correa Veglison ordenasse à polícia que, se o Pe. Escrivá pusesse os pés em Barcelona, o prendessem imediatamente.

Conhecedor disso, o Núncio de Sua Santidade o Papa Pio XII, Mons. Cicognani – que bem sabia que o Opus Dei contava com a aprovação, o apoio e o incentivo das legítimas autoridades eclesásticas – sugeriu ao Pe. Escrivá: «Vá a Barcelona com nome suposto»<sup>24</sup>.

Pouco depois, o governador achou que era urgente intervir, e um dia de meados de abril de 1941 mandou ao *Palau* a ordem de que se apresentasse quanto antes ao Governo Civil o representante legal daquela organização ou, se tal não houvesse, o titular do imóvel, a fim de responder a acusações que até lá tinham chegado<sup>25</sup>.

Teve de ir Balcells, titular do imóvel. Correa Veglison espetou-lhe, para começar: «Eu tenho informação completa, e todos vocês acabarão na prisão. Será que não sabem que isso é uma seita iluminista?...». E seguiu-se a isso um “sermão” longo e irado.

Felizmente para o pequeno grupo de rapazes, Balcells manteve a serenidade e, após insistir respeitosamente em ser ouvido, conseguiu acalmar um pouco o governador e explicar-lhe o que era o Opus Dei, o *Palau* e o que ali se fazia. Cedeu aos poucos a cólera de Correa, e após uma longa sessão de interrogatório, acabou limitando-se a lançar-lhe um apelo à prudência. Anos mais tarde, Balcells atendeu medicamente o governador, já pacificado e amigo.

É significativo lembrar que, passado o terremoto que abalou Barcelona por longo tempo, quando finalmente lá se construiu a primeira residência de estudantes orientada pelo Opus Dei – a Residência Monterols, na Rua Atenas, n. 3 –, São Josemaria quis que, no oratório, ficasse estampada com grandes letras, a frase de Cristo que se lê no Evangelho de João: «*Veritas liberabit vos* (Iohan. VIII,32) – A verdade vos tornará livres»

### «REZAR, CALAR, PERDOAR, TRABALHAR, SORRIR»

Dilúvios semelhantes ao de Barcelona, se bem que com menor intensidade, desabaram também em outras cidades, como Valencia, Saragoça, Bilbao e, em geral, em todos os lugares onde o Opus Dei estava começando o seu trabalho<sup>26</sup>.

Em confronto com esses ataques insistentes, vejamos a seguir algumas das reações de perdão de São Josemaria e dos seus filhos do Opus Dei.

#### *Compreender, querer bem e rezar*

Rafael Termes, estudante de engenharia de 22 anos, que exercia a função de diretor do *Palau*, testemunhou sobre a atitude de São Josemaria naqueles anos: «Com grande compreensão e caridade sobrenatural para com aqueles que o atacavam, esforçava-se por desculpá-los repetindo constantemente que, sem dúvida, o faziam “*putantes se obsequium praestare Deo*” (“julgando fazer coisa agradável a Deus”: Jo 16,2); e exortava-nos a querer-lhes bem, como ele lhes queria, vendo neles o instrumento escolhido por Deus para o amadurecimento da Obra». O Padre ficou muito feliz quando Rafael, numa carta, lhe disse que podia ficar descansado com eles, porque não lhes tinha escapado dos lábios nem uma só palavra de crítica, contrária à caridade.

Comenta Salvador Bernal que o Pe. Josemaria, com o exemplo e a palavra, «ensinou-lhes a perdoar desde o primeiro momento aos detratores obcecados. Quando alguém o informava de uma nova falsidade – e frequentemente isso acontecia várias vezes por dia –, a primeira coisa que fazia era convidá-lo a rezar um Pai-nosso ou uma Ave-Maria pelos que o haviam caluniado»<sup>27</sup>.

Por seu lado, Mercedes Morado e Begoña Álvarez, duas das mais antigas mulheres do Opus Dei, que trabalharam muitos anos perto do fundador, testemunharam que o espírito de perdão, de esquecimento e de compreensão para com os que o caluniavam ia *in crescendo*, a tal ponto que dizia com toda a simplicidade: «Não lhes guardo nenhum

rancor. E todos os dias rezo por eles, tanto como rezo pelos meus filhos... E, à força de rezar por eles, cheguei a querer-lhes com o mesmo coração e com a mesma intensidade com que quero aos meus filhos»<sup>28</sup>.

Também Bernal faz notar em sua biografia que, por amor ao próximo e por sentir ele próprio a necessidade do perdão divino, rezava todos os dias na Missa «pelos que estão na terra e desejam fazer-nos mal – dizia –, e pelos que nos caluniaram e já foram prestar contas ao Senhor. Digo: Senhor, eu lhes perdoar para que Tu lhes perdoes e para que perdoes os nossos pecados»<sup>29</sup>.

Desde os primeiros ataques, a norma que o Padre havia dado, e que os seus procuraram seguir, foi clara e positiva: «Calar, trabalhar, perdoar, sorrir e rezar: e sofrer com alegria... Pôr-nos nas mãos do Senhor e não esquecer que Ele não perde batalhas»<sup>30</sup>.

«Que momentos tão duros! – evocaria muitos anos depois D. Álvaro del Portillo, sucessor de São Josemaria –, que solidão a do Padre! Que silêncio! Lembro-me agora de uma carta do nosso Padre, em que proibia que, nem sequer entre nós, falássemos do que estava acontecendo»<sup>31</sup>.

### *Um bisturi de platina*

Essa referência a D. Álvaro faz-me lembrar um diálogo, que teve lugar em Madrid em 1943.

O bispo da diocese de Madrid (Madrid-Alcalá), D. Leopoldo Eijo e Garay, conhecia e queria muito bem ao Pe. Josemaria, e acompanhou passo a passo, com interesse e afeto, o nascimento e o crescimento do Opus Dei.

Estava a par também dos ataques e calúnias antes comentados e fez o possível para que cessassem. Admirava – assim o dizia e escrevia – o espírito de desculpa e perdão do Pe. Escrivá e de seus filhos, mas parece que lhe ficava “uma pulga atrás da orelha”: a preocupação de que, passados os anos, outros futuros membros do Opus Dei que soubessem do acontecido não mantivessem o mesmo espírito de perdão.

Assim o confidencio o Bispo a Álvaro del Portillo, no próprio dia em que o ordenou sacerdote.

– «Esteja tranquilo, senhor Bispo – respondeu-lhe Álvaro –. Nós nos damos conta de que Deus permite isso para que o sacrifício que nos envia nos torne melhores; e estamos contentes, porque quando um bom cirurgião quer fazer uma boa operação, escolhe um bom instrumento; e o Senhor quis usar um bisturi de platina para esta contradição».

O Bispo comentou depois a impressão que lhe causou essa resposta, especialmente quando Álvaro lhe esclareceu que a imagem do bisturi ele a tinha ouvido várias vezes ao fundador. «Tal pai, tal filho!» – fechou D. Leopoldo<sup>32</sup>.

Essa era a constante atitude de perdão que São Josemaria inculcava aos seus filhos, nessas horas difíceis, sempre que com eles se comunicava.

Assim, por exemplo, em 2 de maio de 1941 escrevia ao diretor do *Palau*, Rafael Termes, uma carta em que, glosando palavras de São Paulo aos Romanos (Rm 12,12), os animava dizendo: «Queridíssimos: estamos de parabéns, porque o Senhor nos trata à maneira divina. Que lhes direi? Que estejam contentes, *spe gaudentes!* (alegres na esperança); que sofram cheios de caridade, sem que da sua boca saia nunca nem uma palavra incômoda para ninguém, *in tribulatione patientes!* (pacientes na tribulação); que estejam sempre cheios de espírito de oração, *orationi instantes* (constantes na oração). Filhos: já se vislumbra a aurora, e quanta colheita haverá, nessa bendita Barcelona, com a chegada do novo dia!»<sup>33</sup>.

## CONFORTO NA TRIBULAÇÃO

### *O Bispo de Madrid e o Abade de Montserrat*<sup>34</sup>

Várias famílias de jovens da Obra de Barcelona, angustiadas pelas acusações contra Escrivá e o Opus Dei e desconcertadas pela firmeza dos filhos em sua vocação, resolveram consultar a figura mais representativa do catolicismo catalão, o Abade do mosteiro beneditino de Montserrat, guardião do Santuário da Padroeira da Catalunha, que era e é ainda o principal foco de irradiação da fé e da cultura cristã na Catalunha. Naqueles anos quarenta, era Abade Coadjutor dom Aureli Maria Escarré, O.S.B., homem de grande categoria.

Dom Aureli, sabiamente, em vez de se deixar envolver pelas opiniões esquentadas pela paixão, procurou informar-se de quem era o superior do Pe. Escrivá e, ao saber que era o Bispo de Madrid, escreveu-lhe em 9 de maio de 1941 uma carta solicitando esclarecimentos.

D. Leopoldo apressou-se a responder-lhe. O texto íntegro dessa carta, e de uma segunda, longa, em que rebate uma por uma as calúnias divulgadas contra o Pe. Escrivá e o Opus Dei, encontra-se entre os Apêndices documentais do vol. II da biografia de Vázquez de Prada.

«O Dr. Escrivá – dizia o bispo na primeira carta – é um sacerdote modelo, escolhido por Deus para santificação de muitas almas [...]. Numa palavra, eu não tenho nenhum senão a opor a esse *Opus* que, repito, é verdadeiramente *Dei* (de Deus) [...] Conheço todas as acusações que se lançam, e sei que são falsas».

Na segunda carta, de data de 21 de junho, afirmava enfaticamente: «O que é admirável é o espírito com que os membros do *Opus* enfrentam essa grandíssima tribulação [...], admira-me e edifica-me a santa alegria com que sofrem pela sua vocação, que o vendaval contrário só consegue fortalecer em suas almas; não têm uma queixa sequer, nem uma frase de má vontade para com os religiosos que tão rudemente os

perseguem; o seu maior consolo é ver que todos os Prelados (Bispos) em cujo território têm casas estamos do lado deles, e os animamos e defendemos... ».

Graças a essas informações do Bispo, o Abade foi um bom instrumento de pacificação das famílias de Barcelona e veio a ser amigo do peito de São Josemaria Escrivá, com quem se encontrou depois com frequência, ao longo de muitos anos<sup>35</sup>.

*Um testemunho esclarecedor: mansidão e justiça*

D. José López Ortiz, catedrático de História do Direito na Universidade Central (Madrid) e depois Bispo de Tuy (Santiago de Compostela), foi grande amigo de Josemaria Escrivá. Homem de prestígio, pela sua inteligência e cultura, contribuiu para esclarecer, entre pessoas de boa vontade, a confusão criada. Vale a pena transcrever o seu testemunho, que acrescenta nuances interessantes sobre o espírito de perdão de São Josemaria:

«Pude ver que a sua reação [de Josemaria Escrivá] perante esses ataques – alguns deles, tremendos – era sempre muito sobrenatural e cheia de caridade. Mas gostaria de esclarecer que isto não significava nele algo assim como uma reação estóica, passiva e apática. A sua reação era dinâmica, de muitíssima oração e mortificação..., e de total confiança em Deus.

«Falando comigo, afirmava-me que, se o Senhor permitia isso, seria para bem e que, evidentemente, perdoava a todos. E, ao mesmo tempo, manifestava uma serena e justa indignação, provocada pelo carinho que tinha a todos os seus filhos, que via injustamente perseguidos, e pelo prejuízo que daí derivava para a Igreja e para as almas»<sup>36</sup>.

Quando a perseguição ia além da sua vida pessoal, e se abatia sobre inocentes, membros ou não do Opus Dei, não poupava esforços na sua luta pela verdade e a justiça. Primeiro – como já vimos –, procurando o diálogo e a conciliação com os promotores da campanha. E, simultaneamente, empenhando-se perante as autoridades da Igreja – os Bispos e, a partir de 1946, o Papa –, não para reivindicar punição alguma para os detratores, mas para dar a conhecer a fundo a verdade sobre o Opus Dei e as atividades de seus membros, e fazer assim com que eles – os Bispos e o Papa – pudessem explicar a verdade sobre o Opus Dei com fundamento, autoridade e credibilidade.

De fato, foi isso que aconteceu tanto da parte do Papa (Pio XII aprovou o Opus Dei como Instituição pontifícia de âmbito mundial em 1947 e, com caráter definitivo, em 1950), como da maioria os Bispos da Espanha.

Essa foi a sua “tática” constante: perdoar, compreender, mas não deixar de lutar incansavelmente para «afogar o mal na abundância de bem», a mentira com a verdade.

## **A ONDA EXPANSIVA CHEGA A ROMA**

*A intriga tem asas*

Em 1947, Mons. Escrivá fixara, como lembramos, a sua residência em Roma. Logo o Padre e o punhado de membros do Opus Dei que para lá se transferiram iniciaram o trabalho apostólico da Obra na Cidade Eterna com a autorização da autoridade eclesiástica.

Não demorou que alguns estudantes universitários, conhecidos por esses jovens colegas vindos da Espanha, se interessassem pela mensagem de santidade e apostolado no mundo, que São Josemaria – com quem esses rapazes também conversavam – pregava com tanta vibração. Vários deles, como acontecia em toda a parte, sentiram-se chamados por Deus a viver esses ideais e pediram ser admitidos no Opus Dei.

Mal estavam, porém, despontando essas primeiras vocações romanas, quando chegaram a Roma os mesmos falatórios que, na Espanha, tinham se abatido sobre o Pe. Josemaria e a Obra que estava se iniciando. O que aconteceu em Roma, parece, em parte, uma fotocópia do sucedido em Madrid e Barcelona.

Concretamente, alguns religiosos, provavelmente mal informados por colegas espanhóis, repetiram as velhas intrigas com as famílias daqueles primeiros membros italianos do Opus Dei. Visitavam-nas, alertavam-nas, assustavam-nas. Isso deu como resultado que se criasse, nessas poucas famílias, um clima de desconfiança e de tensão com os filhos, que se tornou insuportável<sup>37</sup>.

#### *Uma denúncia ao Papa*

Um desses universitários, que conheceu São Josemaria em 1949 e pediu a admissão no Opus Dei, era Umberto Farri. Dedicou-se durante muitos anos a trabalhar, em convênio com o governo italiano e a Comunidade Européia, num programa de cooperação e ajuda à educação das populações pobres de países em desenvolvimento.

Mas em 1949 era apenas um estudante. A sua história, nessa perseguição, é paradigmática. E entende-se melhor se a começarmos pelo final.

O pai de Umberto, Francesco Farri, faleceu em idade avançada em 1985. O filho teve que intervir, após a morte, nas tarefas de inventário e de ordenação dos papéis e documentos deixados pelo pai. Qual não foi a sua surpresa quando inesperadamente deparou, guardado em lugar reservado, um “arquivo privado” do pai que continha a história daquela perseguição em Roma.

Nesse arquivo, achava-se a fotocópia de um documento de denúncia, dirigido diretamente ao Papa, contra São Josemaria e o Opus Dei, assinado em primeiro lugar por Francesco Farri e, depois, por outros quatro pais de jovens italianos do Opus Dei (um deles desistiu, antes de a carta ser entregue). A data do escrito era de 25 de abril de 1951, quando fazia já quase um ano que Pio XII aprovara definitivamente o Opus Dei.

Significativamente, ao lado da fotocópia da carta enviada ao Papa, estavam arquivados os rascunhos preparatórios do texto da denúncia, corrigidos manualmente – com emendas e sugestões – por um religioso; e mais treze cartas enviadas por esse mesmo padre ao Dr. Francesco. Nelas incentivava-o a fazer a denúncia ao Papa em forma de abaixo-assinado de um grupo de pais e o orientava-o sobre o modo de proceder.



O que convém destacar é que Umberto só teve conhecimento desses fatos trinta e quatro anos depois, em 1985. Nem seu pai nem São Josemaria lhe tinham dito uma só palavra para não magoá-lo<sup>38</sup>.

### *O incansável perdão*

Umberto não sabia, mas São Josemaria sabia de tudo. Qual foi a sua reação? Como nas contradições de 1941 na Espanha, pediu àqueles seus filhos que calassem, rezassem, sorrissem e trabalhassem. E que amassem mais seus pais e os tratassem com maior afeto.

Todos seguiram o seu conselho, de modo que nenhum deles comentou esses fatos desagradáveis. Mario Lantini, que foi depois o Vigário Regional do Opus Dei na Itália, só se referiu aos maus bocados que passou com a sua família naqueles momentos, trinta e dois anos mais tarde, em 1983, quando prestou o seu depoimento no processo de Beatificação de Josemaria Escrivá. «Devo acrescentar – declarava nessa ocasião – que falo hoje de tudo isto pela primeira vez, e com dor, porque Mons. Escrivá sempre nos proibiu explicitamente, para que não faltássemos com a caridade, de tratarmos disso sequer entre nós, de acordo com o que ele escrevera em “Caminho”: “Quando não puderes louvar, calate”. Por conseguinte, os episódios que vivi não são conhecidos no âmbito da Obra a não ser pelos interessados, pelo Fundador e pelo Pe. Álvaro del Portillo, que na época era o Conselheiro da Região italiana».

Por sua vez, o Pe. Álvaro, que viveu de perto esses episódios, afirmou não ter ouvido do Padre «uma única palavra de recriminação contra os que difamavam, nem mesmo nos momentos mais duros»<sup>39</sup>.

### *Dois fatos dignos de registro*

A história não termina aqui. Umberto ficou profundamente comovido quando soube que, alguns anos depois da denúncia – que acabou se desvanecendo por falta de fundamento –, seu pai tinha retificado.

Para fazer face à contrariedade romana, o que São Josemaria fez, além de calar e perdoar, foi rezar de maneira especial. No dia 14 de maio de 1951, reuniu uns poucos filhos seus num oratório de Villa Tevere (sede central do Opus Dei em Roma) ainda em construção, e realizou uma cerimônia simples: a consagração das famílias dos membros do Opus Dei à Sagrada Família. Pedia a Deus, entre outras coisas: «Fazei com que compreendam com luzes cada vez mais claras a beleza da nossa vocação..., e fazei-os participar sempre da alegria e da paz que nos concedeis como prêmio à nossa entrega»<sup>40</sup>.

Essa Consagração é renovada anualmente, desde então, em todos os Centros do Opus Dei no dia da festa da Sagrada Família.

## **ONDE A LIBERDADE NÃO É AMADA**

*Um “informe confidencial” da Falange*

Agora já não se trata mais de “fogo amigo”, procedente de ambientes religiosos, mas de calúnias promovidas por portaestandartes da ditadura franquista.

Naqueles tumultuados anos quarenta, chegou às mãos de D. José López Ortiz, acima mencionado, um «Informe confidencial sobre a organização secreta Opus Dei», elaborado pelo Serviço de Informações da Falange, o partido único da ditadura (criado à imagem, um tanto diluída, dos partidos Fascista da Itália e Nacional Socialista da Alemanha), e datado em Madrid a 16 de janeiro de 1942

D. López Ortiz, depois de ler o “Informe”, como bom amigo que era do Pe. Escrivá, sentiu-se arrasado. Escreveria mais tarde: «Em certa ocasião, chegou-me um documento da Falange em que [Josemaria Escrivá] era caluniado de uma maneira atroz. Pareceu-me um dever levar-lhe o original que me emprestou um amigo: os ataques eram tão fortes que, enquanto Josemaria lia essas páginas na minha frente, com calma, não pude evitar que me saltassem as lágrimas. Quando Josemaria terminou a leitura, ao ver a minha pena, pôs-se a rir, e disse-me com heróica humildade: “Não te preocupes, Pepe, porque tudo o que dizem aqui, graças a Deus, é falso: mas se me conhecessem melhor, teriam podido afirmar com verdade coisas muito piores, porque eu não sou senão um pobre pecador, que ama com loucura Jesus Cristo”. E, em vez de rasgar aquela coleção de insultos, devolveu-me os papéis para que o meu amigo pudesse deixá-los no Ministério da Falange, de onde os retirara. “Toma – disse-me –, e devolve-os a esse teu amigo, para que possa deixá-los no seu lugar, e assim não o persigam a ele”»<sup>41</sup>.

De que o acusava aquele partido único, contrário à democracia? Entre outras coisas, de ter uma concepção de vida “internacionalista”; de não submissão à ordem de idéias propugnada pelo governo de Franco; de críticas ao sistema imperante na Espanha para a provisão de cátedras, de bolsas de estudo, etc., e – acredite se quiser, quem não conheça as táticas fascistas – o Informe afirmava falsamente que, na Residência de Jenner, havia um mapa da Alemanha coberto de porcos, e garantia que não era um mapa da produção suína, mas uma representação do povo alemão.

São Josemaria rezava por todos e defendia a verdade. Escrevia: «O Opus Dei, absolutamente alheio a qualquer preocupação de ambições terrenas, busca exclusivamente a perfeição cristã dos seus membros, pela santificação do trabalho ordinário [...]. O Senhor permitiu que sofrêssemos a perseguição dos bons, que é a maior contradição. E aos bons uniram-se os que não o são tanto: os que odeiam a Santa Igreja e a Espanha católica [...]»<sup>42</sup>. «Há quem chame inimigos a essa pessoas – acrescentava –... Tu chama-os “benfeitores”. E acontecerá que, à força de pedir por eles a Deus, lhes terá simpatia»<sup>43</sup>.

Como vemos, políticos pouco escrupulosos aproveitaram-se do clima de tormenta criado pelos “bons” para pôr lenha na fogueira, uma fogueira que se foi alastrando por anos e decênios, incrementada com novas “lenhas” e que ainda não se apagou (nem é provável que se apague enquanto a Igreja for perseguida na terra, ou seja, até o fim do mundo).

São Josemaria já previa isso, e havia escrito: «O pior, certamente, é que essas deformações e esse falso modo de interpretar [...] ficarão arraigados, incrustados no

espírito de muita gente [...], e poderão ser a causa de uma obstinação incrível em não reconhecer a verdade»<sup>44</sup>.

### *A hora e vez do ministro*

Quase vinte anos depois desses fatos, nos anos sessenta, ainda em pleno regime franquista, algumas pessoas do Opus Dei publicaram, no uso do seu direito à liberdade de opinião, artigos em que defendiam uma maior representatividade sindical (é preciso ter em conta que, no país, o Sindicato, tal como o Partido, era “único” e estava nas mãos da Falange).

«Isso – relata Vázquez de Prada – produziu uma violenta reação por parte da cadeia de jornais do regime, chamada Imprensa do Movimento, e do diário “Pueblo”, da Organização Sindical Espanhola». Mons. Escrivá interveio no assunto, movido por um duplo dever de justiça: o de defender pessoas inocentes das calúnias forjadas com interpretações distorcidas; e, especialmente, o de defender com fortaleza o direito irrenunciável de cada um de seus filhos de agir com absoluta liberdade cristã nas questões temporais opináveis: políticas, culturais, sociais, etc.

Depois de várias tentativas infrutíferas, para pedir uma retificação levadas a cabo pelo Conselheiro do Opus Dei na Espanha, Pe. Florencio Sánchez Bella, São Josemaria resolveu escrever pessoalmente uma carta, firme e caridosa, a José Solís Ruiz, Ministro Secretário Geral do Movimento. Entre outras coisas, dizia-lhe, referindo-se à citada campanha:

«Estou certo de que perceberá o desatino que cometem e as responsabilidades que em consciência adquirem perante o juízo de Deus, pelo desacerto que supõe denegrir uma instituição que não influi – nem pode influir – no uso que os membros que a integram, espalhados pelos cinco continentes, fazem da sua liberdade pessoal, como cidadãos que são, sem fugirem à sua responsabilidade pessoal. Peço-lhe que ponha termo a essa campanha contra o Opus Dei, já que o Opus Dei não é responsável de nada [...]. Briguem em boa hora os senhores, embora eu não seja amigo de brigas, mas não misturem nessas lutas o que está por cima das paixões humanas»<sup>45</sup>.

A jornalista Pilar Urbano recolhe, na sua biografia, um episódio relativo a esse assunto. Num dia de janeiro de 1967, Mons. Escrivá, conversando em Roma com César Ortiz-Echagüe, arquiteto e membro do Opus Dei, recém chegado da Espanha, comentou-lhe com pesar que não era nada boa a falta de liberdade política que se vivia na Espanha, e acrescentou:

«Escrevi uma carta forte ao ministro Solís. Não espero que me responda, mas se o fizer..., ainda tenho mais coisas a dizer-lhe! E vocês não podem permitir que se insulte gratuitamente a Obra em jornais estatais, que são órgãos de expressão do governo que todos vocês pagam».

A seguir, a mesma escritora comenta que, quando se tratava apenas de ataques ou de ofensas pessoais, não duvidava – como já vimos – em aconselhar uma atitude de perdão. Neste contexto, cita o caso de um dos membros mais antigos do Opus Dei, Rafael Calvo Serer, professor e político monarquista que tivera de exilar-se da Espanha, após manifestações públicas contrárias ao regime franquista. «Em 1962, foi visitar Mons. Escrivá em Roma. Abriu-lhe a alma e contou-lhe as calúnias e perseguições de que era alvo por parte de certos mandarins do franquismo. Escrivá, depois de escutá-lo, disse-lhe:

«– Meu filho, custa, mas tens de aprender a perdoar...

«Ficou um instante calado e, como que pensando em voz alta, acrescentou:

«– Eu não precisei de aprender a perdoar, porque Deus me ensinou a amar»<sup>46</sup>.

### *Uma lição permanente*

É interessante sublinhar que esse mesmo espírito de perdão, em situações análogas às que acabamos de descrever, pôde observar-se de maneira significativa num diálogo que manteve na Argentina, numa reunião cordial e familiar com milhares de pessoas, em 1974. Eram uns anos em que aquele país se encontrava ainda conturbado por antagonismos políticos e violências. Nessa reunião, um dos presentes perguntou ao Padre por que, ao longo dos dez anos que fazia que frequentava o Opus Dei, ninguém lhe havia falado de política nem lhe fez propaganda de nenhuma posição política partidária. O Padre respondeu:

«Eu faz quarenta e sete anos que estou no Opus Dei, e nunca falei de política: antes cortaria a minha língua».

Falava, como é lógico, tendo em conta a sua condição de sacerdote. Pouco antes, na mesma reunião, havia explicado que a missão do padre exige que não se imiscua em partidarismos políticos, porque deve ser “pai” de todos: «Que se limite – e não é pouca coisa! – à sua missão espiritual, de braços abertos para que todos caibam neles: os da direita, os da esquerda, os da frente, os de trás..., todos, todos, todos! Não podemos fechar os braços a ninguém! Não podemos ser pessoas de partido! Não podemos falar de lutas! Nós falamos de entendimento; nós falamos de trocar impressões para chegar a um acordo. Mas, de brigar? ...de odiar-se?... Não!».

Retomando a resposta ao perguntador, que era um profissional, pai de família, acrescentou: «Mas você pode falar de política, como qualquer outro cidadão; e também aquele, e o outro, e o que passa pela rua. Eu, não! E aconselharei a todos que se respeitem, que convivam, que caminhem pela mesma calçada tranquilos – esta é a frase que costumo empregar –, que não se queiram mal. Se não, não são amigos da liberdade como dizem [...]. Interessa-nos – repisava – que cada cidadão atue com liberdade, e isso é lá com ele. E depois, que se entendam, que não se maltratam, nem com a língua. E por isso, se alguma vez você ouve que a mim me caluniam, saiba que eu perdoo desde o primeiro momento. E, além disso, quero-lhes muito bem. Diga-lhes isso! E tenho muita pena de que mintam, mas

não os chamarei de mentirosos. Será a sua consciência quem lhes dirá: mentirosos, trapaceiros!»<sup>47</sup>.

Há muitos outros fatos interessantes que poderiam ser contados dentro dessa mesma linha. Mas creio que todo o panorama anteriormente descrito ficaria incompleto se não puséssemos em destaque uma qualidade moral importante na vida de São Josemaria: a sua capacidade de pedir perdão. Foi um homem que, com a mesma prontidão com que perdoava, pedia perdão aos que julgava ter magoado ou tratado injustamente.

## UM HOMEM QUE SABIA PEDIR PERDÃO

*“Não sou um rio que não pode voltar atrás”*

A pessoa que só perdoa e não sabe pedir perdão, por mais certa que esteja, facilmente contamina o perdão com a sua presunção e espírito de superioridade. Só quem é capaz de pedir perdão é autêntico ao perdoar. Este foi um dos traços característicos do espírito de São Josemaria em todas as épocas da vida, não só nos momentos dramáticos acima contemplados.

Falava muitas vezes da «alegria de retificar». «Precisamente porque era muito franco – explica Javier Echevarría –, nunca teve o menor inconveniente em retificar, quando se enganava ou recebia novos dados sobre um problema. Se era necessário, pedia perdão e esclarecia essa atitude servindo-se de um provérbio: “Não sou um rio que não pode voltar atrás”»<sup>48</sup>.

Não tinha medo de ficar mal diante dos outros, nem temia rebaixar a sua autoridade pelo fato de pedir desculpas. «Asseguro-vos – dizia – que retificar tira o azedume da alma»<sup>49</sup>.

E, efetivamente, pedir perdão dava-lhe muita alegria. Conta, por exemplo, Pilar Urbano que um dia, na sede central do Opus Dei em Roma – Villa Tevere–, entrou na sala que era utilizada como Secretaria geral da Obra. Dirigiu-se a dois ou três que lá trabalhavam e repreendeu-os com energia por causa de uns erros de fundo que teriam deslizado no texto de um documento redigido por eles, e que poderiam confundir os leitores em questões relevantes.

«Passados uns minutos, retorna – escreve Urbano –. Traz no rosto uma expressão de plácida bonança:

« – Meus filhos, acabo de me confessar com o pe. Álvaro: porque tinha que dizer-lhes o que lhes disse antes, mas não desse modo. De maneira que fui pedir ao Senhor que me perdoasse... e agora venho pedir a vocês que me perdoem»<sup>50</sup>.

Os episódios ilustrativos da sua prontidão em retificar poderiam reunir-se num livro do tamanho dos *fioretti* de São Francisco. Vejamos apenas mais alguns relatos

relacionados com incidências do dia-a-dia, que – mais do que as circunstâncias extraordinárias – são “a hora da verdade”.

#### *Dói-lhe não ter escutado as razões de um filho*

D. Álvaro del Portillo refere um episódio significativo de que foi testemunha: «Lembro-me de que, em janeiro de 1955, ao voltar para casa ao meio-dia e passar diante do oratório de São Gabriel, na nossa sede central, encontrei-me com o Padre, que estava com alguns alunos do Colégio Romano da Santa Cruz, entre eles Fernando Acaso<sup>51</sup>. Depois de cumprimentar o Padre, aproveitei a ocasião para dizer ao Fernando que podia ir buscar uns móveis que precisávamos, porque finalmente tínhamos dinheiro no banco.

«Ao ouvir-me dizer isso, o nosso fundador começou a pedir desculpas àquele seu filho. Tinha acontecido o seguinte: pouco antes de eu ter chegado, o Padre perguntara-lhe pelos móveis. Fernando começara a explicar-lhe por que não os tinha ido buscar, mas o Padre, sem deixá-lo continuar, perguntou-lhe de novo se os tinha trazido. Então Fernando respondeu simplesmente que não, e o nosso fundador disse-lhe que não gostava de que nos desculpássemos. Mas, ao ouvir-me, compreendeu imediatamente o que tinha acontecido e apressou-se a pedir-lhe perdão diante de nós, porque não lhe deixara expor as suas razões.

«Como se não bastasse, depois, na sala de estar, diante de todos os alunos do Colégio Romano, pediu outra vez perdão a Fernando e louvou a sua humildade. Realmente, chamava a atenção a prontidão com que o Padre retificava, e não hesitava em fazê-lo em público, se necessário»<sup>52</sup>.

#### *Uma resposta apressada*

Em outra ocasião, caminhava com pressa por um corredor de Villa Tevere, quando uma filha sua, que lá se encontrava, tentou detê-lo para fazer-lhe uma pergunta que não tinha nem importância nem urgência. Quase sem parar, São Josemaria respondeu-lhe:

«– E eu que sei disso? ... Pergunte-o ao pe. Álvaro».

Nesse mesmo dia, mais tarde, a citada moça estava cuidando da arrumação de um vestíbulo da casa. Por ali passaram o Padre e o pe. Álvaro. Desta vez, ele parou diante daquela sua filha e disse-lhe: «Perdoe-me, minha filha, pela forma como lhe respondi antes. Vocês que moram aqui têm que aguentar tantas coisas de mim...!»<sup>53</sup>.

#### *Uns papéis rasgados*

Protagonista deste episódio foi D. Javier Echevarría, naquela altura jovem sacerdote, secretário de Mons. Escrivá; hoje, bispo prelado do Opus Dei e seu segundo sucessor.

No ano de 1968, São Josemaria e mais uns poucos de Villa Tevere estavam passando uns dias de verão num povoado do norte da Itália. O Padre aproveitou aquela temporada para redigir um documento destinado à formação dos seus filhos. Dali sairia para encontrar-se brevemente com os da Obra que moravam e trabalhavam na vizinha

Suíça. Uns dias antes de partir, acelerou o trabalho de revisão dos originais do documento, uma carta de formação. Entregou ao Pe. Javier Echevarría várias laudas escritas, para que as pusesse em ordem. Pouco depois, Javier regressava ao quarto onde Mons. Escrivá estava trabalhando:

– Padre, falta uma página..., deve ter ficado aqui com o senhor...

– Não, não..., aqui não está. Procure-a, porque eu lhe entreguei todo o material.

O Pe. Javier conferiu minuciosamente o material recebido e verificou que realmente faltava uma lauda. Voltou ao quarto do Padre:

– Padre, olhei direito... Nada... Essa lauda não aparece...

O Padre responde-lhe em tom terminante, com impaciência:

– Pois aqui não está. De modo que... tem que estar com você. Vai ver que a deixou cair pelo caminho...

O pe. Javier dá uma olhada no cesto do lixo que está naquele quarto, e vê que está cheio de papéis rasgados:

– Não estará no cesto dos papéis? – pergunta –. Talvez o Sr. o tenha rasgado por engano.

O Padre não responde, e Javier sai carregando o cesto para o lugar onde trabalha. Menos de trinta minutos depois, o Padre entra nesse quarto. Aproxima-se devagar, por trás, e vê Javier absorvido na tarefa de recompor, pedacinho por pedacinho, a folha de papel perdida.

– Javi, meu filho..., perdoe-me! Você tinha razão. E eu, ainda por cima, olhe a trabalhadeira que lhe estou dando. Era eu que devia ter procurado com mais cuidado... Filho, você me deu uma lição, para que das próximas vezes não esteja tão seguro de mim.

Fica então ajudando Javier a colar os pedacinhos com fita adesiva, e insiste em pedir-lhe perdão:

– E além de me perdoar, filho, ofereça todo esse aborrecimento por mim... Bem vê quanto preciso de que vocês me ajudem a trabalhar e a melhorar!<sup>54</sup>

*«Peço-lhe perdão e devolvo-lhe a honra»*

«Outra vez, em Roma – relata Pilar Urbano –, pelo telefone interno corrige com energia um da Obra, Ernesto Juliá, por ter deixado de executar um trabalho importante. Ernesto não protesta nem se desculpa. Passado um certo tempo, alguém informa Escrivá de que Ernesto Juliá não pode sequer fazer idéia do assunto, porque não foi ele o encarregado. Neste mesmo instante, o Padre volta a telefonar a esse seu filho e pede-lhe que se dirija a um recinto próximo.

«Quando Ernesto chega, Escrivá já está ali. Abre os braços com o gesto acolhedor de quem abre o coração de par em par. E, com um sorriso diáfano e transbordante de carinho, diz-lhe:

« –Meu filho, peço-lhe perdão e devolvo-lhe a honra!

«Dói-lhe deixar uma pessoa magoada e não se atrasa em curar a ferida que, mesmo sem querer, tenha podido produzir. Por isso, é rápido e pródigo à hora de retificar e pedir perdão»<sup>55</sup>.

### *O jornalista contrariado*

Aeroporto de Barajas, Madrid 1970. São Josemaria detém-se lá durante a espera de uma escala, na viagem de Roma ao México. Vários jornalistas tentam abordá-lo, sem muito sucesso. Entre eles encontra-se Eduardo Cáliz, fotógrafo do *Nuevo Diario*. Homem corpulento, consegue abrir passagem entre os que cercam Mons. Escrivá e diz-lhe:

– Deixe-me tirar-lhe umas fotos!

–Escute – retruca Mons. Escrivá –, eu não sou a Concha Piquer! [cantora e estrela de cinema muito conhecida na época] Eu sou um pobre homem...!

O repórter aborrece-se, e responde com certo desdém:

– Tudo bem... Para mim, no fundo, dá na mesma...

No entanto, não deixa de ir ao encalço do Padre, enquanto resmunga:

– ... mas tenho de fazer o meu trabalho. Isto é o pão dos meus filhos.

Para o Padre, ouvir isso e parar na hora foi uma só coisa. Volta-se para ele, olha-o com afeto, sorri e lhe diz:

– Se você tem que fazer o seu trabalho para ganhar o pão dos seus filhos, aqui fico eu, posando... até que me diga basta!<sup>56</sup>

Encerremos por aqui esses relatos, que são simples amostras, pequenos *fioretti* de São Josemaria, que permitem enxergar nele a atitude que São Paulo, na esteira do Evangelho, recomendava com insistência aos primeiros cristãos: *Sede bondosos e compassivos uns para com os outro, perdoando-vos mutuamente, como Deus vos perdoou em Cristo*<sup>57</sup> [...]. *Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem*<sup>58</sup>.

Com isso terminamos estas páginas. Nos três primeiras partes, focalizamos a capacidade de perdoar de São Josemaria Escrivá nas circunstâncias extremamente difíceis dos anos trinta e quarenta do século XX: perseguições, guerra, ódios encarniçados, incompreensões e calúnias dos “bons”, armadilhas da ditadura. Concluimos o livro “em tom menor”, com um relance sobre o perdão no rolar rotineiro do comum dos dias.



Em todas as circunstâncias – dramáticas ou corriqueiras –, vimos que a sua atitude espiritual apresentava, unidas como elos inseparáveis de uma corrente, as virtudes cristãs da humildade, do amor a Deus e do amor ao próximo: os traços, afinal, que desenham o perfil de um santo, de um santo “que sabia perdoar”.

## **ANEXOS**

### **ANEXO I**

#### **SOBRE A VIDA E A MENSAGEM DE SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ**

##### ***I. Dados biográficos***

São Josemaría Escrivá nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de janeiro de 1902.

Em 1918, começou os estudos eclesiais no Seminário de Logronho, prosseguindo-os, a partir de 1920, no de São Francisco de Paula de Saragoça, onde passou a exercer o cargo de superior de 1922 em diante. No ano seguinte, começou a cursar também os estudos de Direito Civil na Universidade de Saragoça. Foi ordenado sacerdote a 28 de março de 1925.

Iniciou o seu ministério sacerdotal em paróquias rurais, continuando-o depois pelos bairros pobres e pelos hospitais de Madrid, e entre os estudantes universitários.

No dia 2 de outubro de 1928, por inspiração divina, fundou o Opus Dei, que vinha abrir na Igreja um caminho novo, destinado a promover, entre pessoas de todas as classes sociais, a busca da santidade e o exercício do apostolado mediante a santificação do trabalho e dos deveres cotidianos.

O Opus Dei, que contou desde o início com a aprovação da autoridade eclesial diocesana, foi aprovado pela Santa Sé em 1943 e em 28 de novembro de 1982 o Papa João Paulo II erigiu-o em Prelazia pessoal.

Mons. Escrivá era Doutor em Direito pela Universidade de Madrid, Doutor em Teologia pela Universidade Lateranense (Roma) e Doutor *honoris causa* pela Universidade de Saragoça. Foi Grão-Chanceler das Universidades de Navarra (Pamplona, Espanha) e de Piura (Peru). Tinha sido anteriormente professor de Ética geral e Moral profissional na Escola de Jornalismo de Madrid e professor de Direito Canônico e de Direito Romano em Saragoça e em Madrid.

Mons. Escrivá foi ainda Consultor da Comissão Pontifícia para a interpretação autêntica do Código de Direito Canônico e da Congregação vaticana de Seminários e Universidades, Prelado de honra de Sua Santidade e Acadêmico *ad honorem* da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A partir de 1946, passou a residir em Roma, instalando na Cidade Eterna a sede do Opus Dei. Lá faleceu, com fama de santidade, em 26 de junho de 1975. Seu corpo repousa na Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz.

Entre os seus escritos publicados, contam-se, além do estudo teológico-jurídico *La Abadesa de Las Huelgas*, livros de espiritualidade que foram traduzidos para numerosas línguas: *Caminho, Santo Rosário, É Cristo que passa, Amigos de Deus, Via Sacra, Amar a Igreja, Sulco, Forja*, os últimos cinco publicados postumamente. Sob o título de *Questões atuais do Cristianismo*, publicaram-se também algumas das entrevistas que concedeu à imprensa.

Mons. Escrivá foi elevado à honra dos altares pelo Papa João Paulo II, que celebrou a sua solene Canonização na praça de São Pedro em 6 de outubro de 2002. A sua festa celebra-se todos os anos no dia 26 de junho.

## II. A mensagem de São Josemaria Escrivá

### *A chamada universal à santidade: santos no meio do mundo*

Um dia depois da Canonização de São Josemaria Escrivá, após uma Missa de ação de graças celebrada em 7 de outubro de 2002, João Paulo II dirigiu uma alocução aos peregrinos, e lhes dizia: «Josemaria foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as atividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação. Pode-se dizer que foi *o santo do cotidiano*. De fato, estava convencido de que, para quem vive sob a ótica da fé, tudo é ocasião de um encontro com Deus, tudo se torna um estímulo para a oração. Vista desta forma, a vida diária revela uma grandeza insuspeitada. A santidade apresenta-se verdadeiramente ao alcance de todos».

Em 1968, São Josemaria, respondendo a dois jornalistas de *L'Osservatore della Domenica*<sup>1</sup>, que lhe perguntavam «Qual a tarefa que o Opus Dei tem realizado e realiza?», respondeu: «A finalidade a que o Opus Dei aspira é favorecer a procura da santidade e o exercício do apostolado por parte dos cristãos que vivem em meio do mundo, seja qual for seu estado ou condição.

«A Obra nasceu a fim de contribuir para que esses cristãos, inseridos no tecido da sociedade civil – com sua família, suas amizades, seu trabalho profissional, suas aspirações nobres – compreendam que a sua vida, tal como é, pode vir a ser ocasião de um encontro com Cristo: quer dizer, que é um caminho de santidade e de apostolado. Cristo está presente em qualquer tarefa humana honesta: a vida de um simples cristão - que talvez a alguns pareça vulgar e acanhada - pode e deve ser uma vida santa e santificante»<sup>2</sup>.

Dissipava assim o mal-entendido, freqüente entre muitos católicos, de que, para aspirar à santidade, seria «indispensável abandonar o mundo, afastar-se dele..., ou dedicar-se a uma atividade eclesial»<sup>3</sup>.

Já no seu livro *Caminho*, n. 291, o Pe. Escrivá deixara estampada uma afirmação que vinha repetindo desde a fundação da Obra: «Tens obrigação de santificar-te. - Tu também. - Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem exceção, disse o Senhor: Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito».

Anos depois, a Igreja, no capítulo VI da Constituição *Lumen gentium* – documento central do Concílio Vaticano II –, consagrou e pôs em destaque essa doutrina de entranha evangélica proclamando a *Vocação universal à santidade* de todos os batizados, a importância basilar da vocação batismal do cristão<sup>4</sup>.

#### *O fundamento da filiação divina*

São Josemaria desenvolveu um grande aprofundamento na compreensão do significado e transcendência da simples vocação batismal, comum a todos os cristãos. A todos os batizados, incorporados a Cristo pelo Sacramento do Batismo, é concedido – pela graça do Espírito Santo – *o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1,12) e, em consequência, de viverem todos os momentos e circunstâncias da vida com espírito de amor filial para com Deus e de amor fraterno para com seus irmãos os homens. São Josemaria considerava precisamente a *filiação divina* como o fundamento de toda a vida espiritual dos membros do Opus Dei.

«A filiação divina – dizia – é o fundamento do espírito do Opus Dei [...]. É uma verdade feliz, um mistério consolador. A filiação divina empapa toda a nossa vida espiritual, porque nos ensina a procurar, conhecer e amar o nosso Pai do Céu, e assim cumula de esperança a nossa luta interior e nos dá a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda, precisamente porque somos filhos de Deus, esta realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo»<sup>5</sup>.

A filiação divina deve levar, de modo especial, todo cristão «enxertado em Cristo pelo Batismo [...], a viver, como Cristo, de rosto voltado para os outros homens, olhando com amor para todos e cada um dos que o rodeiam, para a humanidade inteira»<sup>6</sup>.

#### *Caminho de santificação no trabalho e nos deveres cotidianos*

Um traço específico do espírito do Opus Dei, com o qual Nosso Senhor abriu caminhos práticos para a santificação do cristão no meio do mundo, é a percepção de que o trabalho profissional (e quem diz trabalho, diz família, diz deveres sociais, diz atividade cultural, diz lazer, diz, em suma, vida cotidiana) pode e deve ser meio e ocasião de santidade e de apostolado.

«Viemos chamar de novo a atenção – esclarecia o Fundador – para o exemplo de Jesus que, durante trinta anos, permaneceu em Nazaré trabalhando, desempenhando um ofício. Nas mãos de Jesus, o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que

desenvolvem milhões de homens no mundo, converte-se em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação»<sup>7</sup>.

Não se cansava, por isso, de ensinar que, para os cristãos comuns, «a vida corrente é o verdadeiro *lugar* da existência cristã». Um pensamento cheio de conseqüências que expôs, com vivacidade e clareza, na homilia pronunciada em 8 de outubro de 1967 numa Missa que celebrou no *campus* da Universidade de Navarra:

«Meus filhos : aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, o nosso trabalho, os nossos amores – aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. É em meio às coisas mais materiais da terra que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens.

«Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d'Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (Cfr. Gên, I, 7 e ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com nossos pecados e nossas infidelidades. Não duvidem, meus filhos; qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus.

«Pelo contrário, devem compreender agora – com uma nova clareza – que Deus os chama a servi-Lo *em e a partir* das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir.

«Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor em nossa vida de todos os dias, ou não O encontraremos nunca»<sup>8</sup>.

Com uma expressão sintética, que gostava de repetir, resumia esse ideal de santidade dizendo que consiste em «santificar o trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros através do trabalho».

### *Unidade de vida*

A seus filhos, São Josemaria costumava dizer que, na sua vida, deve chegar um momento em que não seja mais possível distinguir oração e trabalho, porque o trabalho (e os outros deveres cotidianos) devem transformar-se em oração.

A quem desconhecesse o carisma do Opus Dei, poderia causar estranheza ouvir o Fundador afirmar – como o fez inúmeras vezes – que a vocação para a Obra de Deus é *essencialmente contemplativa*. No entanto, esta é a meta, este o ideal de quem é chamado a santificar-se no mundo: fazer da vida ordinária uma contínua oração, um diálogo ininterrupto com Deus, com esse Deus «que nos fala constantemente, através dos acontecimentos e das pessoas», e que através de tudo nos dá seu amor e nos pede amor.

Deste modo, São Josemaria podia afirmar que a *fisionomia espiritual própria* do Opus Dei consiste na *unidade de vida*. Quando se procura que o trabalho santificado e santificador seja o eixo da vida espiritual; quando a oração, a mortificação, o trabalho, apontam para a missão apostólica no meio do mundo – amar o próximo (família, colegas, amigos), servi-lo, ajudá-lo a se aproximar de Deus –, então os diversos aspectos da vida cristã se fundem e compenetraram numa unidade harmônica: são, na simplicidade do cotidiano, como facetas de um único diamante, um diamante em que reverbera a luz do amor cristão: amor a Deus e, inseparavelmente, amor ao próximo<sup>9</sup>.

Em resumo: «Cumprir a vontade de Deus no trabalho, contemplar a Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao próximo, converter o trabalho em meio de apostolado, dar às coisas humanas um valor divino, esta é a unidade de vida, simples e forte, que devemos ter e ensinar»<sup>10</sup>.

Esses são, resumidamente, alguns dos traços mais essenciais da mensagem espiritual do Opus Dei.

## **ANEXO II**

### **PALAVRAS DE JOÃO PAULO II NA CANONIZAÇÃO DE SÃO JOSEMARIA**

#### ***I. Da homilia na cerimônia de Canonização*** (Roma, 6 de outubro de 2002)

[...] «“A vida habitual de um cristão que tem fé – costumava afirmar Josemaría Escrivá –, quando trabalha ou descansa, quando reza ou quando dorme, em todos os momentos, é uma vida na qual Deus está sempre presente”. Esta visão sobrenatural da existência abre um horizonte extraordinariamente rico de perspectivas salvíficas, porque, também no contexto aparentemente monótono dos acontecimentos terrenos normais, Deus se aproxima de nós, e podemos cooperar com o seu plano de salvação. Portanto, compreende-se mais facilmente o que afirma o Concílio Vaticano II, isto é, que “a mensagem cristã não afasta os homens da construção do mundo [...], antes os obriga ainda mais a levá-la a cabo como um dever” .

«Elevar o mundo a Deus e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador lhes indica, queridos irmãos e irmãs que hoje se alegram pela sua elevação à glória dos altares. Ele continua a recordar-lhes a necessidade de não se deixarem atemorizar perante uma cultura materialista, que ameaça dissolver a identidade mais genuína dos discípulos de Cristo. Gostava de reiterar com vigor que a fé cristã se opõe ao conformismo e à inércia interior.

«Seguindo os seus passos, difundam na sociedade, sem distinção de raça, classe, cultura ou idade, a consciência de que todos somos chamados à santidade. Esforcem-se por ser santos, vocês mesmos em primeiro lugar, cultivando um estilo evangélico de humildade e espírito de serviço, de abandono na Providência e de permanente escuta da voz do

Espírito. Deste modo, serão "*sal da terra*" (cf. Mt 5, 13) e brilhará "*a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o Vosso Pai que está nos céus*" (ib. 5, 16)».

«Certamente, não faltam incompreensões e dificuldades aos que procuram servir fielmente a causa do Evangelho. O Senhor purifica e modela, com a força misteriosa da Cruz, todos aqueles a quem chama; mas, na Cruz - repetia o novo Santo - encontramos luz, paz e gozo: *Lux in Cruce, requies in Cruce, gaudium in Cruce!* [...]».

## **II. Do discurso após a Missa de ação de graças pela Canonização** (Roma, 7 de outubro de 2002)

[...] «São Josemaría foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as atividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação. Pode-se dizer que foi o *santo do cotidiano*. De fato, estava convencido de que, para quem vive sob a ótica da fé, tudo é ocasião de um encontro com Deus, tudo se torna um estímulo para a oração. Vista desta forma, a vida diária revela uma grandeza insuspeitada. A santidade apresenta-se verdadeiramente ao alcance de todos.

«Josemaria Escrivá foi um santo de grande humanidade. Todos os que se relacionaram com ele, de qualquer cultura ou condição social, tinham-no como um pai, totalmente entregue ao serviço dos outros, porque estava convencido de que cada alma é um tesouro maravilhoso; com efeito, "cada homem vale todo o Sangue de Cristo". Esta atitude de serviço é patente na sua entrega ao ministério sacerdotal e na magnanimidade com que impulsionou tantas obras de evangelização e de promoção humana em benefício dos mais pobres.

«O Senhor fez com que entendesse profundamente o dom da nossa filiação divina. E ele ensinou a contemplar o rosto terno de um Pai no Deus que nos fala através das mais diversas vicissitudes da vida. Um Pai que nos ama, que nos acompanha passo a passo e nos protege, nos compreende e espera de cada um de nós uma resposta de amor. A consideração desta presença paterna, que acompanha o cristão a toda a parte, proporciona-lhe uma confiança inquebrantável; em todos os momentos deve confiar no Pai celestial. Nunca se sente só nem tem medo. Quando depara com a Cruz, não vê nela um castigo, mas uma missão que lhe foi confiada pelo próprio Senhor. Portanto, o cristão é necessariamente um otimista, porque sabe que é filho de Deus em Cristo.

«São Josemaría estava profundamente convencido de que a vida cristã implica uma missão e um apostolado, de que estamos no mundo para redimi-lo com Cristo. Amou o mundo apaixonadamente, com um "amor redentor". Precisamente por essa razão, os seus ensinamentos ajudam tantos fiéis comuns a descobrir o poder redentor da fé, a sua capacidade de transformar a terra.

«É uma mensagem que tem abundantes e fecundas implicações para a missão evangelizadora da Igreja. Fomenta a cristianização da sociedade "a partir de dentro", e

mostra que não pode haver conflito entre a lei divina e as exigências do genuíno progresso humano. Este sacerdote santo ensinou que Cristo deve estar no cume de todas as atividades humanas (cf. *Jo* 12, 32). A sua mensagem anima o cristão a atuar nos lugares onde se forja o futuro da sociedade. Somente através da presença ativa dos leigos em todas as profissões e nas mais avançadas fronteiras do desenvolvimento é que se pode dar uma contribuição positiva para o fortalecimento da harmonia entre a fé e a cultura, uma das grandes necessidades da nossa época [...]».

## **PALAVRAS DO CARDEAL RATZINGER (futuro BENTO XVI)**

### ***I. Da homilia na Missa de ação de graças pela Beatificação de Josemaria Escrivá, celebrada para os fiéis de língua alemã (Basilica dos Santos Doze Apóstolos, Roma, 19 de maio de 1992)***

[...] O desejo de conhecer a Vontade de Deus e de conformar a sua vontade própria com a Vontade divina foi sempre a verdadeira expressão da vida de Josemaria Escrivá.

[...] Durante toda a sua vida, ele lançou incansavelmente as redes de Deus, como pescador de Jesus Cristo, nas águas desta nossa história, para levar grandes e pequenos até à Luz e, assim, devolver-lhes a vista.

[...] A palavra *santo* recebeu, com o decorrer do tempo, uma perigosa redução, que perdura ainda nos nossos dias. Pensamos nos santos representados sobre os altares, pensamos em milagres e virtudes heróicas, e imaginamos que a santidade é coisa reservada para uns poucos eleitos, entre os quais nós não podemos ser incluídos. Tendemos a deixar a santidade para uns poucos desconhecidos e a nos contentarmos com sermos o que já somos. Josemaria Escrivá veio despertar-nos dessa apatia espiritual. Não! A santidade não é uma coisa extraordinária: é o ordinário, o normal para cada batizado. Não consiste em gestas de um heroísmo indefinido e inalcançável. Tem mil formas, pode-se realizar em todos os estados e condições de vida. A santidade é algo comum: consiste em viver a vida cotidiana diante de Deus, impregnando-a de espírito de fé.

Para cumprir essa missão, o novo Bem-aventurado viajou incansavelmente pelo mundo, movido pelo desejo de infundir em todos os homens a ousadia da santidade, isto é, a aventura de serem verdadeiros cristãos lá onde a vida os colocou. Desta maneira, Josemaria Escrivá chegou a ser um grande homem de ação, que vivia da Vontade de Deus e que chamava os homens a amarem a Vontade de Deus [...]. Arriscou-se a ser “um Dom Quixote de Deus”, pois não é porventura “quixotesco” ensinar no mundo de hoje a humildade, a obediência, a pureza, o desprendimento dos bens, a magnanimidade? A Vontade de Deus representava, para o Bem-aventurado Josemaria a verdadeira razão das coisas, e assim esteve em condições de descobrir o caráter razoável daquilo que aparentemente era irracional [...].

**II. De um artigo publicado no jornal «L'Osservatore Romano», órgão do Vaticano, no dia da Canonização de São Josemaria (6 de outubro de 2002).**

**Deixar Deus agir**

Sempre me chamou a atenção o sentido que Josemaría Escrivá dava ao nome Opus Dei; uma interpretação que poderíamos chamar biográfica e que permite entender o fundador e a sua fisionomia espiritual. Escrivá sabia que devia fundar algo, e ao mesmo tempo estava convencido de que esse algo não era obra sua: ele não havia inventado nada: simplesmente o Senhor tinha-se servido dele e, em consequência, aquilo não era a *sua* obra, mas a Obra de Deus. Ele era apenas um instrumento através do qual Deus tinha atuado.

Ao considerar esta atitude vêm-me à cabeça as palavras do Senhor recolhidas no evangelho de São João 5,17: “*Meu Pai opera sempre*”. São palavras pronunciadas por Jesus no decorrer de uma discussão com alguns especialistas em religião que não queriam reconhecer que Deus pode trabalhar no dia de sábado. Um debate ainda aberto e atual, de certo modo, entre os homens — também entre os cristãos — do nosso tempo. Alguns pensam que Deus, depois da criação, se “retirou” e já não tem nenhum interesse pelos nossos assuntos de cada dia. De acordo com este modo de pensar, Deus não poderia intervir na trama da nossa vida cotidiana; no entanto, as palavras de Jesus Cristo nos indicam precisamente o contrário. Um homem aberto à presença de Deus percebe que Deus trabalha sempre e que também atua hoje; por isso devemos deixar que ele entre e que atue em nós. É assim que nascem as coisas que descortinam o futuro e que renovam a humanidade.

Tudo isto nos ajuda a compreender por que Josemaría Escrivá não se considerava “fundador” de nada, e por que se via somente como um homem que quer cumprir uma vontade de Deus, secundar essa ação, a obra — com efeito — de Deus. Neste sentido, para mim é de grande importância o teocentrismo de Josemaria Escrivá: é coerente com as palavras de Jesus essa confiança em que Deus não se retirou do mundo, porque está atuando constantemente; e que nos cabe apenas colocar-nos à sua disposição, estar disponíveis, sendo capazes de responder à sua chamada. É uma mensagem que ajuda também a superar aquilo que se pode chamar a grande tentação do nosso tempo: a pretensão de pensar que, depois do *big bang*, Deus se retirou da história. A ação de Deus não “parou” no momento do *big bang*, mas continua no transcorrer do tempo, tanto no mundo da natureza como no dos homens.

O fundador da Obra dizia: eu não inventei nada; foi Outro quem fez tudo; eu procurei estar disponível e servi-lo como instrumento. A palavra e toda a realidade que chamamos Opus Dei está profundamente ligada com a vida do Fundador que, mesmo procurando ser muito discreto neste ponto, deu a entender que permanecia em diálogo constante, em contato real com Aquele que nos criou e trabalha por nós e conosco. Diz-se de Moisés, no livro do Êxodo (33,11), que Deus falava com ele “cara a cara, como um



amigo fala com o amigo”. Parece-me que, apesar do véu da discricção esconder alguns pequenos sinais, há fundamento suficiente para poder aplicar muito bem a Josemaría Escrivá a expressão “falar como um amigo fala com o seu amigo”, que abre as portas do mundo para que Deus possa fazer-se presente, atuar e transformar todas as coisas.

Sob esta perspectiva compreende-se melhor o que significa *santidade* e vocação universal à santidade. Conhecendo um pouco da história dos santos, sabendo que nos processos de canonização se procura a virtude “heróica”, podemos ter, quase inevitavelmente, um conceito equivocado da santidade porque tendemos a pensar: “isto não é para mim”; “eu não me sinto capaz de praticar virtudes heróicas”; “é um ideal alto demais para mim”. Neste caso, a santidade estaria reservada para alguns “grandes” cujas imagens vemos nos altares e que são muito diferentes de nós, comuns pecadores. Esta seria uma idéia totalmente equivocada da santidade, uma concepção errônea que foi corrigida — e isto me parece um ponto central — precisamente por Josemaría Escrivá.

Virtude heróica não quer dizer que o santo seja uma espécie de “ginasta” da santidade, que consegue fazer uns exercícios inexecutáveis para as pessoas normais. Quer dizer, pelo contrário, que na vida de um homem se revela a presença de Deus, e fica mais patente tudo o que o homem não é capaz de fazer por si mesmo. Talvez, no fundo, trate-se de uma questão terminológica, porque o adjetivo “heróico” foi com frequência mal interpretado. Virtude heróica não significa propriamente que alguém faz coisas grandes por suas próprias forças, mas que na sua vida aparecem realidades que não foi ele quem fez, porque ele só esteve disponível para deixar que Deus atuasse. Em outras palavras, ser santo não é senão falar com Deus como um amigo fala com o amigo. Isto é a santidade.

Ser santo não significa ser superior aos outros; pelo contrário, o santo pode ser muito fraco, e ter numerosos erros na sua vida. A santidade é o contato profundo com Deus: é fazer-se amigo de Deus, deixar que o Outro trabalhe, o Único que pode fazer realmente com que este mundo seja bom e feliz. Quando Josemaría Escrivá fala de que todos os homens somos chamados a ser santos, parece-me que no fundo se está referindo à sua experiência pessoal, porque nunca fez por si mesmo coisas incríveis, mas se limitou a deixar Deus agir. E por isso nasceu uma grande renovação, uma força de bem no mundo, ainda que todas as debilidades humanas permaneçam presentes. Verdadeiramente todos somos capazes, todos somos chamados a abrir-nos a essa amizade com Deus, a não nos soltarmos das suas mãos, a não nos cansarmos de voltar uma vez e outra ao Senhor, falando com Ele como se fala com um amigo e sabendo, com certeza, que o Senhor é o verdadeiro amigo de todos, também dos que não são capazes de fazer por si mesmos coisas grandes.

Por tudo isto compreendi melhor a fisionomia do Opus Dei: a forte conexão que existe entre uma absoluta fidelidade à grande tradição da Igreja, à sua fé, com desarmante simplicidade, e a abertura incondicionada a todos os desafios deste mundo, seja no âmbito acadêmico, no do trabalho cotidiano, na economia, etc. Quem tem essa vinculação com Deus, quem mantém essa conversa ininterrupta com Ele, pode atrever-se a responder a

novos desafios, e não tem medo; porque quem está nas mãos de Deus, cai sempre nas mãos de Deus. É assim que desaparece todo o medo e nasce a valentia de responder aos desafios do mundo de hoje.

## **OBRAS BIOGRÁFICAS SOBRE SÃO JOSEMARIA**

### **1) Biografias**

Andrés Vázquez de Prada: “O Fundador do Opus Dei” (3 volumes), Ed. Quadrante, São Paulo 2004

Pilar Urbano: “O homem de Villa Tevere”, Ed. Quadrante, São Paulo 1996

Hugo de Azevedo: “Uma luz no mundo”, Ed. Prumo/ Rei dos Livros, Lisboa 1988

Ana Sastre: “Tempo de caminhar”, Ed. Diel, Lisboa 1994

Salvador Bernal: “Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Perfil do Fundador do Opus Dei. Ed. Quadrante, São Paulo 1977

### **2) Outras obras sobre São Josemaria**

Álvaro del Portillo: “Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei”, Ed. Quadrante, São Paulo 1994

Javier Echevarría: “Recordações sobre Mons. Escrivá”, Ed. Quadrante, São Paulo 2001

Pedro Casciaro: «Soñad y os quedaréis cortos», 12ª edição. Ed. Rialp, Madrid 2001

Alfons Balcells: «Memòria ingènua» (*publicação póstuma, em língua catalã*), Ed. La Formiga d’Or, Barcelona 2005; edição em espanhol: «Memoria ingenua», Ed. Rialp, Madrid 2009

Hugo de Azevedo: «Missão cumprida», Ed. Diel, Lisboa 2008.

---

## **NOTAS**

### **INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> Andrés Vázquez de Prada: *O Fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante, São Paulo 2004, vol. II, pág. 347

<sup>2</sup> Lucas, 23,34

### **PERDÃO EM CLIMA DE ÓDIO**

<sup>1</sup> Cf. Stanley G. Payne e Javier Tussel, *La guerra civil. Una nueva visión del conflicto que dividió España*, Madrid 1966; Burnet Bolloten, *La guerra civil española. Revolución y contrarrevolución*, Madrid 1989

<sup>2</sup> *Studia et Documenta-Rivista dell’Istituto Storico San Josemaria Escrivá*, vol. 3, Roma 2009, págs. 25 ss, e A.V. de Prada, o.c., vol II, pág. 12

- <sup>3</sup> Pedro Casciaro, *Soñad y os quedaréis cortos*, Ed. Rialp, 12ª ed., Madrid 2001
- <sup>4</sup> P. Casciaro, o.c., p. 66
- <sup>5</sup> Hugo de Azevedo, *Uma luz no mundo*, Ed. Prumo/Rei dos Livros 1998, págs. 78-79 e P. Casciaro, o.c., págs. 66-67
- <sup>6</sup> P. Casciaro, o.c., págs. 130-131
- <sup>7</sup> H. de Azevedo, o.c., pág. 83. Relatos testemunhais de José Manuel Doménech de Ibarra (Registro Histórico do Fundador-RHF 872) e de José Antonio Palacios (RHF 2750)
- <sup>8</sup> A. V. de Prada, o.c., vol. I, pág. 82
- <sup>9</sup> Javier Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Ed. Quadrante São Paulo 2001, págs. 81-82; e A.V.de Prada, o.c., vol. I, págs. 31 e 52-53
- <sup>10</sup> J. Echevarría, o.c., pág. 82
- <sup>11</sup> *Ibidem*, pág. 81
- <sup>12</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. I, pág. 52-53
- <sup>13</sup> A.V. de Prada, o.c., vol.I, págs. 158-160 e J. Echevarría, o.c., pág. 69
- <sup>14</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. I, págs. 252, 330, 331 e 334
- <sup>15</sup> *Id., ibidem*
- <sup>16</sup> *Idem*, vol. II, pág. 348 e J. Echevarría, o.c., pág. 74
- <sup>17</sup> *Caminho*, edição crítico-histórica preparada por Pedro Rodríguez. Ed. Rialp, Madrid 2002, pág. 597. Essa anotação, adaptada, passou a ser o n. 452 do livro *Caminho*.
- <sup>18</sup> Javier Echevarría, o.c. pág. 117
- <sup>19</sup> Marc 2,17
- <sup>20</sup> Javier Echevarría, o.c., pág. 16
- <sup>21</sup> Encíclica *Dives in misericordia*, n. 87, e *catecismo da Igreja Católica*, n. 2844
- <sup>22</sup> J. Echevarría, o.c. pág. 21
- <sup>23</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. I, pág. 252
- <sup>24</sup> *Ibidem*, págs. 390 e ss., e 405 e ss.
- <sup>25</sup> Registro Histórico do Fundador-RHF 20770, pág. 547
- <sup>26</sup> *Ibidem*, 20165, págs. 973-974 e 20590, pág. 141
- <sup>27</sup> *Ibidem*, 20590, pág. 136
- <sup>28</sup> Salvador Bernal, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante, São Paulo 1977, págs. 220-221

#### PERDÃO EM TEMPOS DE GUERRA

- <sup>1</sup> P. Casciaro, o.c., pág. 75
- <sup>2</sup> Hugo de Azevedo, *Missão cumprida*, Ed. Diel, Lisboa 2008, pág. 37
- <sup>3</sup> A. Montero, *Historia de la persecución religiosa en España, 1936-1939*, Madrid 1961, pág. 728; S. Bernal, o.c., pág. 285
- <sup>4</sup> H. de Azevedo, *Missão...*, pág. 37
- <sup>5</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 129-130
- <sup>6</sup> *Carta 31.6.1943*, em A.V. de Prada, o.c., vol II, pág. 129
- <sup>7</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 39 ss.
- <sup>8</sup> *Ibidem*, pág. 112, nota 285
- <sup>9</sup> H. de Azevedo, *Uma luz...*, pág. 145
- <sup>10</sup> A. del Portillo, *Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante 1994, pág. 212
- <sup>11</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 57 ss.
- <sup>12</sup> *Ibidem*, pág. 72
- <sup>13</sup> *Ibidem*, pág. 74
- <sup>14</sup> *Id. Ibidem*
- <sup>15</sup> *Ibidem.*, pág. 90
- <sup>16</sup> *Ibidem*, pág. 79
- <sup>17</sup> *Ibidem*, pág. 78 ss.
- <sup>18</sup> *Ibidem*, págs. 79-80
- <sup>19</sup> *Caminho*, n. 442
- <sup>20</sup> J. Echevarría, o.c., pág. 121
- <sup>21</sup> Relação testemunhal *ad futuram memoriam* de Eduardo Alastrué Castillo, em Arquivo Geral da Prelazia (AGP), RHF 4695 e RHF, EF-370701-4
- <sup>22</sup> Ver A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 145-206 e H. de Azevedo, *Uma luz...*, págs. 122-137
- <sup>23</sup> Álvaro del Portillo, o.c., pág. 117
- <sup>24</sup> P. Casciaro, o.c., pág. 132. AGP, RHF 21159, pág. 994
- <sup>25</sup> A.V.Prada, o.c., vol. II, pág. 347

- <sup>26</sup> S. Bernal, o.c., pág. 293  
<sup>27</sup> P. Casciaro, o.c., págs. 160-164  
<sup>28</sup> Cf. Edição crítico-histórica de *Caminho*, citada, n. 446  
<sup>29</sup> *Caminho*, n. 686  
<sup>30</sup> J. Echevarría: o.c. pág. 140  
<sup>31</sup> Mat 6,14  
<sup>32</sup> Pedro Casciaro, o.c., págs. 148-151

#### PERDÃO EM TEMPOS DE PAZ

- <sup>1</sup> S. Bernal, o.c., págs. 293 ss.; A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 313 ss.  
<sup>2</sup> Jo 13, 34-35  
<sup>3</sup> At 2,42  
<sup>4</sup> cf. A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 396 ss.  
<sup>5</sup> S. Bernal, o.c., pág. 324  
<sup>6</sup> S. Bernal, o.c., págs. 328-329; A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 461-462; RHF T-04214  
<sup>7</sup> A.V. de Prada, o.c. vol. II, pág. 397  
<sup>8</sup> O pe. Ángel Carrillo de Albornoz, que em 1940 foi nomeado diretor da Confederação Espanhola das Congregações Marianas, e em 1948 passou a ser Diretor do Secretariado Geral das Congregações Marianas. Cf. A.V. de Prada, o.c., vol. II, p. 404, nota 247  
<sup>9</sup> *Ibidem*, págs. 400 e 405, e *Apontamentos íntimos*, n. 1626, de 15.XI.1940  
<sup>10</sup> *Ibidem*, págs. 440-441; e *Epistolário do Fundador* - EF-410520-1  
<sup>11</sup> *Ibidem*, págs. 469-470; e EF-500603-2  
<sup>12</sup> Pilar Urbano, *O homem de Villa Tevere*, Ed. Quadrante, São Paulo 1996, pág. 115; e RHF, T-05074, pág. 19  
<sup>13</sup> *Caminho*, n. 442  
<sup>14</sup> Luc 6,37  
<sup>15</sup> S. Bernal, o.c., pág. 325  
<sup>16</sup> Alfons Balcells, *Memoria ingenua*, Ed. Rialp, Madrid 2009, pág. 155 (tradução do original catalão, *Memòria ingènua*, publicação póstuma, Ed. La Formiga d'Or, Barcelona, 2005); S. Bernal, o.c., pág. 326.  
<sup>17</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, págs. 494-496; EF-410531-2  
<sup>18</sup> Constituição dogmática *Lumen gentium* (21/11/1964), capítulo VI  
<sup>19</sup> A.V. de Prada, vol. II, pág. 459, nota 134; e RHF, T-02769, pág. 4  
<sup>20</sup> A. Balcells, o.c., págs. 137 e ss.  
<sup>21</sup> *Ibidem*, pág. 144  
<sup>22</sup> *Ibidem*, pág. 161 e ss.  
<sup>23</sup> A.V. de Prada, o.c., vol II, pág. 436, nota 76; e RHF, T-04606  
<sup>24</sup> A. Balcells, o.c., pág. 160  
<sup>25</sup> *Ibidem*, págs. 157-159  
<sup>26</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, pág. 459, nota 134  
<sup>27</sup> A. Balcells, o.c., pág. 161-162; S. Bernal, o.c., págs. 332 e 326  
<sup>28</sup> P. Urbano, o.c., pág. 115; e AGP, RHF, T-07902 e T-04861  
<sup>29</sup> S. Bernal, o.c., pág. 335  
<sup>30</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, pág. 489  
<sup>31</sup> *Ibidem*, pág. 489  
<sup>32</sup> Hugo de Azevedo, *Missão cumprida*, págs. 78-79  
<sup>33</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, pág. 432; e EF-410502-1  
<sup>34</sup> *Ibidem*, págs. 436-437, 446-448 e Apêndices XIX e XX  
<sup>35</sup> A. Balcells, o.c., pág. 164  
<sup>36</sup> H. de Azevedo, *Uma luz no mundo*, pág. 166; e AGP, RHF 4214  
<sup>37</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. III, pág. 173  
<sup>38</sup> *Ibidem*, vol. III, pág. 175. *Esposto a Sua Santità Pio XII* (25-IV-1951): fotocópia do original no arquivo Farri, pasta Umberto  
<sup>39</sup> *Ibidem*, págs. 178 e 179  
<sup>40</sup> *Ibidem*, pág. 179  
<sup>41</sup> *Ibidem*, vol. II, pág. 463, nota 141 e pág. 464, e A. del Portillo, o.c., pág. 120  
<sup>42</sup> *Ibidem*, págs. 465-466. De uma carta ao pe. Fermín Y. Lorca, cópia em EF-420108  
<sup>43</sup> J. Escrivá, *Forja*, Quadrante, 2ª ed., São Paulo 2005, n. 802  
<sup>44</sup> A.V. de Prada, o.c., vol. II, pág. 488, nota 200. *Carta 29-XII-1947/14-II-1966*, n. 67  
<sup>45</sup> O.c., vol. III, págs. 493-496. EF-661028-1

- 
- <sup>46</sup> P. Urbano, o.c., pág. 116. AGP-RHF 21165, pág. 294  
<sup>47</sup> Notas de uma reunião de catequese, Buenos Aires, 18-VI-1974  
<sup>48</sup> J. Echevarría, o.c., pág. 128  
<sup>49</sup> P.Urbano, o.c., pág. 331  
<sup>50</sup> *Ibidem*, pág. 334  
<sup>51</sup> Ordenado sacerdote, foi um dos que começaram o trabalho do Opus Dei no Japão.  
<sup>52</sup> Álvaro del Portillo, o.c., pág. 106  
<sup>53</sup> P. Urbano, o.c., pág. 334  
<sup>54</sup> *Ibidem*, págs. 383-384  
<sup>55</sup> *Ibidem*, págs. 331-332  
<sup>56</sup> *Ibidem*, pág. 335  
<sup>57</sup> Ef 4,32, e 1 Cor 13, 4-7, Col 3, 12-13, etc.  
<sup>58</sup> Rom 12, 17 e 21

## ANEXOS

- <sup>1</sup> Cidade do Vaticano, maio-junho 1968  
<sup>2</sup> J. Escrivá, *Questões atuais do Cristianismo*, Ed. Quadrante, 3ª ed., São Paulo 1986, n. 60  
<sup>3</sup> *Ibidem*  
<sup>4</sup> Documento já citado anteriormente, de 21 de novembro de 1964  
<sup>5</sup> *É Cristo que passa*, Ed. Quadrante, São Paulo 1975, nn. 64-65  
<sup>6</sup> *Ibidem*, n. 106  
<sup>7</sup> *Questões atuais*, n. 55  
<sup>8</sup> S. Josemaria Escrivá, *Amar o mundo apaixonadamente*, Ed. Quadrante 2010, págs. 16-21  
<sup>9</sup> Cf. 1 Jo 4,20  
<sup>10</sup> *Carta 11-III-1940*, n. 14